

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**FORÇAS DE CARÁCTER EM JOVENS VOLUNTÁRIOS DO
PROJECTO SOLSAL**

Sílvia Yonah Chung Rodrigues

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica
2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**FORÇAS DE CARÁCTER EM JOVENS VOLUNTÁRIOS DO
PROJECTO SOLSAL**

Sílvia Yonah Chung Rodrigues

Dissertação, orientada pelo Prof. Doutor Luís Miguel Neto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2010

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer ao Professor Luís Miguel Neto pelo seu apoio e orientação na Tese e constante incentivo à permanência da curiosidade e mente aberta no campo de investigação.

À Professora Helena Marújo, por todo o seu acolhimento, preocupação genuína e sugestões valiosas.

Aos Voluntários do Projecto SolSal que prontamente se disponibilizaram a participar nesta investigação.

À Equipa do Projecto SolSal, mais em especial ao Dr. João Faria e à minha colega Patrícia Sá, pela sua integridade e honestidade, assim como também pelo seu exemplo profissional e aprendizagens ocorridas ao longo do estágio académico.

Aos Professores Doutores Wolfgang Lind, Isabel Narciso e Maria Teresa Ribeiro por toda a sua sabedoria e conhecimento que foram fornecendo ao longo do percurso académico.

Ao Simon, por todo o seu amor, compreensão e apoio incondicional, que mesmo estando longe parece estar tão perto.

Aos meus amigos que me deram apoio e coragem nos momentos mais difíceis e permitiram manter o bom humor perante as inúmeras adversidades da vida.

E à minha família, que me deu força, perseverança e capacidade de acreditar em mim.

A todos vós os meus sinceros agradecimentos.

“A verdadeira força permite alguém dedicar a sua vida a algo para além de si”.

Henry Miller

Resumo

O serviço comunitário voluntário tem atraído uma grande atenção enquanto experiência potencialmente benéfica para as pessoas mais jovens, sendo muitas das vezes associado ao desenvolvimento positivo na juventude e ao bem-estar subjectivo nos jovens. O presente estudo aborda a relação entre as Forças de Carácter e o voluntariado, no qual se pretende explorar os contributos do voluntariado do “Projecto SolSal” para o desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens, assim como também compreender quais os processos e factores envolvidos, que influências e que contributos oferecem para o bem-estar do adolescente. Nesta investigação, utilizou-se um método misto, no qual se avaliou de uma forma quantitativa através do Inventário VIA para Jovens, as Forças de Carácter mais prevaletentes em 10 voluntários do “Projecto SolSal”, do qual 4 se disponibilizaram a participar num estudo caso de natureza qualitativa e exploratória. A técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada, que teve como objectivo aprofundar os resultados obtidos no Inquérito VIA para Jovens. Os dados obtidos indicam que as Forças de Carácter mais associadas aos jovens voluntários do Projecto SolSal são a *Gratidão*, a *Cidadania*, a *Apreciação Pela Beleza*, o *Humor* e a *Esperança*. A investigação também sugere o voluntariado como factor promotor do desenvolvimento das Forças de Carácter, estando estas associadas ao bem-estar dos jovens voluntários.

Palavras Chave

Forças de Carácter, Desenvolvimento Positivo da Juventude, Voluntariado, Bem-estar, Inventário VIA para Jovens

Abstract

The volunteer community service has been attracting a lot of attention due to its potential beneficial effect on younger people, being many times associated to the positive youth development and to the well-being of youth. The current investigation approaches the relationship between Character Strengths and volunteering, in which is meant to explore the contributes of volunteering of the “SolSal Project” in the development of Character Strengths in youth, as well to understand the processes and factors involved, the influences and its contribution to the well-being of the adolescent. In this study, a mixed method was used, in which trough the VIA Survey for Youth, the Character Strengths of 10 volunteers from the “SolSal Project” were assessed. From this 10 volunteers, 4 offered to participate in a case study of qualitative and exploratory nature, in which it was used a semi-structured interview that aimed to deepen the results from the VIA Survey for Youth. The results reveal that the Character Strengths most associated to the young volunteers of the “SolSal Project” are *Gratitude*, *Citizenship*, *Appreciation for Beauty*, *Humor* and *Hope*. The study also suggests volunteering as a promoter for the development of Character Strengths, these being associated to the well-being of young volunteers.

Key Words

Character Strengths, Positive Youth Development, Volunteering, Well-being, VIA Survey for Youth

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
1. Caracterização do Projecto SolSal.....	2
2. A Psicologia Positiva como quadro explicativo.....	3
3. Forças de Carácter.....	5
3.1. Definição de Forças de Carácter e conceitos relacionados.....	5
3.2. Classificação das Forças de Carácter.....	6
3.3. Componente desenvolvimental das Forças de Carácter.....	7
3.4. Forças de Carácter na adolescência.....	10
4. Desenvolvimento Positivo da Juventude.....	13
5. Relação entre Voluntariado e as Forças de Carácter no Jovem.....	14
II. ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	18
1. Objectivos Gerais.....	18
2. Objectivos Específicos.....	18
3. Metodologia.....	18
3.1. Tipo de investigação.....	18
3.2. Caracterização da amostra.....	19
3.3. Instrumentos de recolha de dados.....	20
3.3.1 - The Values in Action Inventory of Strengths for Youth (VIA-Youth).....	20
3.3.2. Entrevista Semi-estruturada.....	23
3.4. Procedimento de recolha de dados.....	25
3.5. Análise dos dados.....	26
III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	28
IV – CONCLUSÕES.....	41
BIBLIOGRAFIA.....	44

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como principal objectivo compreender os contributos do voluntariado do Projecto SolSal para o desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens. O Projecto SolSal, iniciado no Colégio dos Salesianos de Lisboa, é uma entre várias iniciativas que pretende fomentar o desenvolvimento de uma estrutura de solidariedade que envolva a participação activa dos jovens estudantes no apoio à comunidade. Sendo um Colégio de cariz católico, pretende vincular esses mesmos valores cristãos às iniciativas fomentadas pelo Projecto SolSal, encorajando os jovens estudantes a participar em acções de voluntariado no qual poderão colocar em prática o espírito de solidariedade através do serviço à comunidade. Pretende também, deste modo, promover um maior desenvolvimento pessoal e de carácter dos jovens estudantes em crescimento e fomentar uma riqueza de experiências que poderão ser importantes para o seu futuro. A adolescência é um período especialmente sensível e crítico, uma vez que introduz novos obstáculos ao desenvolvimento positivo da juventude. O constante desenvolvimento de novos níveis de competência cognitiva, característico do período de adolescência, poderá conduzir por um lado a comportamentos de risco psicológico e físico, em casos de grande stress que envolvam a formação da própria identidade do jovem (Larson, 2006), sendo que por outro lado poderá reforçar a capacidade dos jovens para a acção, conduzindo-os a optarem por experiências desafiadoras, que caso sejam bem resolvidas irão conduzir a um maior fortalecimento do seu sentido de auto-eficácia e identidade (Keating, 2004; Moshman, 1998). Assim sendo, existe cada vez mais uma maior preocupação em orientar a população jovem para programas que fomentem um desenvolvimento positivo, que segundo Larson (2006) corresponde ao processo através do qual a capacidade de motivação dos indivíduos pelo desafio, permite potenciar o seu envolvimento activo no próprio desenvolvimento.

Através da literatura, é possível destacar vários aspectos benéficos que a participação no voluntariado acarreta para o desenvolvimento do jovem, entre os quais, Peterson e Seligman (2004) defendem que o trabalho voluntário resulta num aumento de auto-aceitação e identidade cívica, sendo que Wilson (2000), por seu lado, também sugere que os voluntários tendem a combater o comportamento anti-social através do fornecimento de ajuda a outras pessoas e de uma maior conexão com a comunidade. Ainda na ideia do desenvolvimento positivo da juventude, Konwerski e Nashman (2008) defendem que os jovens ao se associarem a projectos

de ajuda, estes projectos têm o potencial de os ajudar a desenvolver traços de personalidade desejáveis, capacidades e hábitos e internalizar papéis de ajuda no seu conceito do self.

Assim sendo, justifica-se a importância de aprofundar esta área de conhecimento e investigar sobre a forma de como as actividades de voluntariado fomentado por programas tais como o Projecto SolSal favorecem para o desenvolvimento das Forças de Carácter no jovem voluntário; quais as Forças de Carácter que estão associadas ao voluntariado, os processos envolvidos no seu desenvolvimento e de que forma favorecem para o desenvolvimento positivo e bem-estar do jovem. Estas serão algumas questões que irão ser abordadas nesta investigação.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Caracterização do Projecto SolSal

Projecto SolSal é uma iniciativa que foi lançada pelos Salesianos de Lisboa – Oficinas de São José – iniciado a Setembro de 2008, de forma a colmatar as necessidades das famílias mais carenciadas pertencentes às freguesias circundantes ao Colégio – Lapa, Prazeres e Santo Condestável – com quem este tem estabelecido protocolos de parceria. O Colégio dos Salesianos trata-se de uma instituição particular de cariz católico, que procura dar uma formação sólida teórica e prática aos seus alunos e abrange uma escolaridade do 1º ao 12º ano.

O Projecto SolSal (Solidariedade Salesiana), tem como principais objectivos desenvolver uma estrutura de solidariedade - *Centro de Intervenção Social* (CIS) - orientada para o apoio social às famílias e instituições das freguesias circundantes ao Colégio; reorganizar o serviço de atendimento e apoio às famílias sinalizadas; disponibilizar um serviço de apoio psicológico individual e familiar aos agregados que revelem essa necessidade; reestruturar a dinâmica de colaboração com as IPSSs associadas ao SolSal; fomentar novas valências na Bolsa de Voluntariado, em especial no que se refere ao voluntariado nas IPSSs, projecto *Famílias de Adopção* e formação de voluntários; e expandir um *Centro de Actividades Lúdicas* (CAL) destinado aos catequizandos da Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora e a crianças carenciadas das Freguesias e Instituições parceiras. As várias valências da Bolsa de Voluntariado do Projecto SolSal englobam: as Campanhas externas e internas, nas quais se mobilizam voluntários para a recolha de produtos que visam colmatarem as necessidades básicas das famílias carenciadas; Carteira de Parceiros, com o objectivo de angariar parceiros/patrocinadores que apoiem o

projecto com doações em géneros, ao abrigo da lei do mecenato; Armazéns e distribuição, no qual os produtos recolhidos nas campanhas e os produtos fornecidos pela carteira de parceiros serão distribuídos pelos voluntários às famílias apoiadas pelo projecto SolSal e apoio a Instituições, entre as quais: o *Instituto de Surdos-Mudos da Imaculada Conceição*, que acolhe crianças surdas, mudas e crianças autistas; a *Associação Resgate - Instituto Conde de Agrolongo*, que se dedica fundamentalmente a crianças e jovens do sexo feminino entre os 8 e os 21 anos, desprotegidas e/ou em risco, que são encaminhadas para a Associação através da Comissão de Protecção de Menores, do Tribunal e da Segurança Social; a *Casa de Protecção e Amparo de Santo António*, que se trata de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), constituída por uma casa mãe e uma creche, sendo uma casa de acolhimento e apoio à mãe solteira carenciada e seus filhos; e o *Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula*, que também se trata de uma IPSS, que tem por objectivo principal cultivar os valores da solidariedade social, em especial, através do fornecimento de uma maior abertura às famílias mais pobres e carenciadas. Esta instituição comporta três valências de apoio, nomeadamente, cuidado de crianças entre os 3 e os 5 anos no jardim-de-infância; animação no centro de convívio a idosos; e apoio domiciliário a idosos.

2. A Psicologia Positiva como quadro explicativo

Em anos recentes, tem existido esforços para identificar, tratar e prevenir perturbações psicológicas. Este processo tem sido facilitado através de ferramentas que hoje em dia são amplamente aceites pelos técnicos profissionais, tais como Manuais de Classificação como o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais) que é patrocinado pela Associação Americana de Psiquiatria (1994) e o ICD (Classificação Internacional de Doenças) que é patrocinado pela Organização Mundial de Saúde (1990). Estas ferramentas têm fornecido estratégias de avaliação de confiança, que posteriormente levaram à condução de tratamentos efectivos de várias perturbações que apenas há algumas décadas atrás não eram possíveis de serem identificadas (Peterson e Seligman, 2004). Neste sentido, Peterson e Seligman (2004) argumentam que se é possível identificar o que existe de errado ou identificar factores de perturbação do desenvolvimento humano, neste mesmo sentido, deveria também ser possível identificar o que existe de certo ou identificar factores promotores desse mesmo desenvolvimento. É neste panorama que a Psicologia Positiva surge enquanto quadro

explicativo, já que consiste num ramo de estudo que se foca fundamentalmente nas forças do ser humano, em vez de estar concentrado nas suas fraquezas. A Psicologia Positiva envolve o estudo científico do funcionamento humano ideal e destina-se a descobrir e a promover os factores que permitem os indivíduos e as comunidades prosperarem (Seligman, 2002). Ainda, a Psicologia Positiva foca-se fundamentalmente em três tópicos: o estudo das experiências subjectivas positivas; o estudo dos traços individuais positivos e o estudo das instituições que capacitam o florescimento das experiências subjectivas e os traços individuais positivos (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000), sendo que mais tarde, Seligman também propôs adicionar o estudo das relações sociais positivas e o sentido de realização ou obtenção de sucesso.

Seligman (2008, p.5) considera o bem-estar como uma das melhores armas contra a perturbação mental, depositando grande foco de estudo, através da Psicologia Positiva, nessa área. Indica como os principais pilares e promotores do bem-estar: a presença de emoções positivas, o envolvimento ou “flow”, o propósito ou sentido da vida, as relações positivas e o sucesso positivo. Seligman descreve a *emoção positiva* como a experiência de prazer e satisfação alcançada através de actividades levadas a cabo; relativamente ao *envolvimento* ou “*flow*”, considera-o como a capacidade do indivíduo se sentir totalmente submerso e envolvido pela actividade que está a desempenhar, sem qualquer sentido de auto-consciência; no que respeita ao *propósito* ou *sentido da vida*, considera-o como a capacidade de encontrar significado nos eventos presentes conectando-os com resultados futuros, assim como também ter uma sensação de sucesso subjectivo, que é alcançado através do conhecimento das nossas maiores forças.

É através deste quadro explicativo que, Peterson e Seligman (2004) tomaram a iniciativa de elaborar um Manual de Classificação da Sanidade Mental ou mais concretamente um Manual de Classificação das Forças de Carácter dos indivíduos (VIA Classification Manual), que se foca fundamentalmente no estudo dos traços individuais positivos. Tal estudo, pretende facilitar um maior entendimento das várias dimensões do carácter, as dinâmicas existentes entre Forças de Carácter individuais, e os resultados valorizados que resultam de viver autenticamente de acordo com o carácter de um indivíduo. Segundo Seligman e Csikszentmihalyi (2000), a Psicologia Positiva coloca a força humana a dois níveis: o nível individual, que envolve traços individuais tais como o amor e vocação, coragem, habilidade interpessoal, sensibilidade estética, a perseverança, perdão, originalidade, espiritualidade, o talento elevado, e sabedoria; e o nível grupal, que envolve virtudes cívicas e instituições através dos quais os indivíduos procuram

desenvolver uma maior cidadania (está incluída, a responsabilidade, generosidade, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e ética de trabalho). Na secção seguinte iremos descrever em pormenor em que consiste as Forças de Carácter.

3. Forças de Carácter

3.1. Definição das Forças de Carácter e conceitos relacionados

Segundo Peterson & Seligman (2004), as Forças de Carácter podem ser definidas como traços positivos reflectidos nos pensamentos, sentimentos e comportamentos de um indivíduo. Estas podem ainda ser descritas como componentes psicológicos, processos e mecanismos que definem as virtudes. As virtudes, por sua vez, podem ser definidas como as características morais centrais presentes num indivíduo, sendo as Forças de Carácter, algo semelhante a rotas distintas que conduzem e permitem a presença de uma ou outra virtude. Por exemplo a virtude *Sabedoria* pode ser alcançada através da presença de forças como a *Curiosidade e Amor pela Aprendizagem, Julgamento, Criatividade, Inteligência Pessoal, e a Perspectiva*. Estas forças são semelhantes no sentido em que todas envolvem a aquisição e o uso do conhecimento, mas também são todas distintas.

A conceptualização de Forças de Carácter e virtudes tem vindo a ser feita por vários estudiosos e filósofos, sem que exista um consenso global relativamente à sua definição. Tal dificuldade numa conceptualização integradora deriva não só, da grande complexidade e multidimensionalidade da natureza do Carácter, mas também da dificuldade na distinção de conceitos relacionados. Baumrid (1998) descreve o carácter como as qualidades de um indivíduo que o levam a desejar e alcançar o bem. Por seu lado, as Forças de Carácter são descritas por Peterson e Park (2009) como os aspectos da personalidade que são mais valorizados. A partir de um conjunto de Forças de Carácter apresentado por um indivíduo, este pode ser considerado como possuindo mais uma virtude do que outra. Segundo Peterson e Seligman (2004) as virtudes representam características fundamentais valorizadas por filósofos morais ou pensadores religiosos, sendo elas: a *Sabedoria, Coragem, Humanidade, Justiça, Temperança, e Transcendência*. Estas seis amplas categorias de virtudes foram destacadas consistentemente através de inquéritos históricos que foram feitos ao longo do tempo. Peterson e Seligman (2004) argumentam que estas virtudes possam ser universais, com uma grande probabilidade de estarem

fundamentados em biologia. As virtudes são definidas deste modo, como um conjunto de Forças de Carácter ou qualidades valorizadas como sendo sempre boas dentro ou fora de si. Assim, enquanto o valor não tem que necessariamente ser bom dentro e fora de si, a virtude, por seu lado, já o é. Cada indivíduo tem um cerne de valores subjacentes que contribui para o seu sistema de crenças, ideias e opiniões. A integridade na aplicação de um valor assegura a sua continuidade e é esta continuidade que separa os valores, das crenças, opiniões e ideias. Neste contexto, o valor é o cerne através do qual se opera ou reage e as virtudes são características mais amplas valorizadas como promotoras do bem-estar individual e colectivo (Weber, 2006).

Ainda relativamente à Força de Carácter, esta pode ser definida como uma constelação de traços que são duradouros (através do tempo e situações) e expresso pelos indivíduos de diferentes formas. A Força de Carácter pode envolver emoções como a esperança, o optimismo, gratidão e amor, mas como traços estas emoções devem ser expressas consistentemente. Assim, a Força de Carácter refere-se a ambos os traços do indivíduo, assim como também o agregado de traços que formam a natureza do indivíduo. Antes do desenvolvimento do Manual de Classificação VIA, os investigadores não possuíam uma definição clara e consensual do que consiste Força de Carácter e portanto não foram dando grande foco de estudo às múltiplas e diferentes facetas do carácter.

3.2. Classificação das Forças de Carácter

Em 2004, Peterson & Seligman desenvolveram o Manual de Classificação Values In Action (VIA), que permite identificar 24 Forças de Carácter agrupadas em 6 amplas virtudes. Desta forma, a questão sobre o que define uma Força de Carácter foi respondida por Peterson e Seligman, através do delineamento de critérios específicos. Os doze seguintes critérios foram descritos como base de inclusão para as Forças de Carácter (Peterson & Seligman, 2004): 1. Ubiquidade, isto é, ser amplamente reconhecida entre as várias culturas; 2. Realização ou sensação de satisfação individual, ou seja, deve contribuir para a realização individual, satisfação e a felicidade amplamente percebida; 3. Moralmente valorizada, isto é, ser valorizada pelo seu próprio direito e não devido a resultados tangíveis que possa vir a produzir; 4. Não diminuir os outros, ou seja, ter a capacidade de elevar os outros que o testemunham, produzindo admiração, e não inveja; 5. Ser o oposto da infelicidade, isto é, ter antónimos óbvios ao "negativo"; 6. Ser semelhante a traço, ou seja, constituir-se como uma diferença individual com generalidade e de

estabilidade demonstrável; 7. Ser mensurável, ou seja, ser bem sucedido na avaliação por investigadores como uma diferença individual; 8. Ser distintivo, isto é, não ser redundante (conceitualmente ou empiricamente) a outra Força de Carácter; 9. Ser um modelo de excelência, isto é, ser notavelmente incorporada em alguns indivíduos; 10. Estar presente em prodígios, ou seja, poder ser precocemente demonstrado em algumas crianças ou jovens; 11. Ter ausência seletiva, ou seja, estar completamente em falta em alguns indivíduos; 12. Estar relacionada com instituições, isto é ser o alvo intencional de práticas sociais e rituais que a tentam cultivar (Park., Peterson, Seligman, 2004).

Relativamente à classificação das forças de carácter, tal como já havia explicado acima, a classificação VIA identifica 24 Forças de Carácter organizadas dentro de 6 amplas virtudes (Park, Peterson, e Seligman, 2004): Assim, no que diz respeito à virtude *Sabedoria e Conhecimento*, são identificadas Forças de Carácter tais como: *Criatividade, Curiosidade, Amor à Aprendizagem e Perspectiva*. Na virtude *Coragem*, são identificadas: a *Bravura, a Persistência, a Integridade, a Vitalidade e o Entusiasmo*; na virtude *Humanidade* temos: o *Amor, a Bondade e a Inteligência Social*; na virtude *Justiça*: a *Cidadania, a Liderança e a Equidade*; na virtude *Temperança*: o *Perdão, a Humildade, a Prudência e o Auto-controlo*; e na virtude *Transcendência*: a *Apreciação pela Beleza, a Gratidão, a Esperança, o Humor e a Espiritualidade*. Estas forças não são entendidas nem como exclusivas ou exaustivas, no entanto, espera-se que uma maior investigação nesta área ajude a atingir uma lista mais exclusiva e exaustiva. Para um maior detalhe da classificação e definição das diferentes Forças de Carácter consultar Anexo I.

3.3. Componente desenvolvimental das Forças de Carácter

Existem algumas referências de antigos filósofos como Aristóteles, que por exemplo, considera que as virtudes morais reflectem, ou até definem, o carácter do indivíduo e podem ser ensinados ou adquiridos praticando-os. Já Tomás de Aquino também argumentava que a virtude é um hábito que a pessoa pode desenvolver escolhendo o bem e consistentemente actuando de acordo com esta atitude. Neste mesmo sentido, Maudsley (1898) semelhantemente enfatizou que o carácter se desenvolve gradualmente ao longo da vida através de acções e não apenas pensando sobre ele ou falando sobre ele. Ainda, o próprio Baumrind (1998) define carácter como: “hábitos cultivados enquanto responsabilidade social, compromisso moral, auto-disciplina e

resolubilidade através da qual a constelação da pessoa é julgada por ser deficiente, adequada ou exemplar.” (Park, 2004).

Segundo Seligman (2002), o desenvolvimento e identificação das Forças de Carácter contribui para uma melhor qualidade de vida. Através do quadro teórico da psicologia positiva, é possível identificar um esquema explicativo para a compreensão e promoção do desenvolvimento positivo na juventude. As investigações e esforços práticos neste sentido, devem incluir três domínios identificados pela Psicologia Positiva como contribuintes para a qualidade de vida: experiências subjectivas positivas (felicidade, satisfação de vida), traços positivos individuais (carácter, valores) e instituições positivas (família, escolas, comunidade) que facilitam o desenvolvimento das suas primeiras.

Têm existido, cada vez mais uma preocupação sobre os programas de educação de carácter relativamente à sua eficácia e falta de consenso racional na escolha das virtudes e valores que devem ser estimulados. Necessita, deste modo, existir um quadro teórico para o desenvolvimento do carácter, que seja informado pela teoria e pesquisa desenvolvimental de forma a guiar a elaboração dos programas (Kohn, 1997).

Ainda relativamente à componente desenvolvimental das Forças de Carácter, estudos sugerem consistentemente que o carácter pode ser cultivado através de uma boa parentalidade, escolaridade e socialização e que se torna mais sólido através da sua acção rotineira.

Existe uma variedade de influências que podem contribuir para o desenvolvimento do bom carácter, entre os quais temos os *factores biológicos*, tendo como evidência estudos de gémeos envolvendo ambos adultos e crianças que demonstram que o comportamento empático e padrões de comportamento pró-sociais são hereditários (Mathews et al, 1981; ZahnWaxler, Robinson e Emde 1992). Outra influência é a *parentalidade*, no qual Damon (1988) argumenta que os pais têm um papel crucial no desenvolvimento de carácter nas crianças e que diferentes estilos parentais estão relacionados com vários aspectos do desenvolvimento positivo e negativo da criança. Uma boa parentalidade, por exemplo, em particular o estilo autoritativo, tem sido constantemente associado a comportamentos pró-sociais das criança, como partilhar com os pares, capacidade de auto-controlo, e auto-confiança (Baumrind 1998). Isto porque, os pais autoritativos são responsivos e respeitosos perante as perspectivas dos filhos, enquanto ao mesmo tempo guiam firmemente os seus comportamentos de uma forma construtiva. Ainda outra influência a destacar são as *figuras de referência*, na medida em que, comportamentos pró-

sociais como a partilha, a ajuda, e ser um bom elemento de equipa pode ser facilitado através da modelagem e fortalecido através de um reforço apropriado (Radke-Yarrow, Zahn-Waxler e Chapman 1983). Aristóteles também já argumentava que o carácter resulta da orientação de adultos relativamente às actividades juvenis. Bandura (1977) e Sprafkin, Liebert, & Poulos (1975) também apoiam a noção de que figuras de referência positivas são importantes para o desenvolvimento do bom carácter.

A vinculação (a familiares, amigos), constitui ainda uma outra influência. Como já foi mencionado, uma vinculação segura está associada a um desenvolvimento pró-social. Crianças com vinculação segura demonstram ser mais cooperativas, obedientes e ter um comportamento mais auto-controlado (Londerville e Main 1981). Também relações entre irmãos providenciam oportunidades para as crianças desenvolverem Forças de Carácter como a *Inteligência Social* e capacidade de resolver problemas sociais (Dunn 1988), uma vez que existe a necessidade de uma resolução de conflitos e de partilha. À medida que o indivíduo vai avançando na idade, os grupos pares passam a desempenhar um papel mais importante no jovem (Birch e Billman 1986).

Por fim, pode-se mencionar também nas Instituições Positivas, tais como as escolas, serviços à comunidade, no qual se insere o voluntariado, como exercendo um importante papel no desenvolvimento do carácter nos jovens. Igualmente, uma estrutura familiar sólida com regras consistentes, rituais, tradições e uma atmosfera de respeito entre os membros da família apoia o desenvolvimento de carácter, principalmente nos jovens. Assim como, uma cultura moral e os valores da sociedade e comunidade influenciam o desenvolvimento de carácter.

Há que também ter em consideração certas variáveis que apresentam diferenças no desenvolvimento das Forças de Carácter, tais como a *Idade*, tendo em conta a existência de pontuações mais elevada dos jovens em relação às crianças em várias Forças de Carácter. Outra variável a ter em conta é o *Género*, uma vez que foi demonstrado que as raparigas tendem a ter pontuações mais elevadas do que os rapazes na *Apreciação pela Beleza, Justiça, Gratidão, Bondade, Amor, Perspectiva e Espiritualidade*. Relativamente à variável *Etnia*, em princípio não existem diferenças étnicas em nenhuma das escalas excepto na *Espiritualidade*, onde os estudantes não caucasianos (especialmente afro-americanos) apresentaram pontuações mais elevadas do que os estudantes caucasianos.

3.4. Forças de Carácter na adolescência

Segundo Berkowitz (2002), as Forças de Carácter individual são o conjunto de características psicológicas que se começam a desenvolver na infância e afectam a capacidade individual e inclinação para a função moral. A vinculação entre a criança e o cuidador marca o início do desenvolvimento do carácter e as forças associadas. À medida que a criança começa a crescer, a sua capacidade para regular seus próprios impulsos torna-se sinónimo da existência de virtudes. O crescimento da capacidade cognitiva que acompanha a adolescência permite que o jovem comece a formar o seu juízo e raciocínio para a compreensão das relações entre o ambiente e eles próprios. Essa capacidade de raciocinar sobre questões de certo e errado permite cada vez mais aos adolescentes tomarem decisões morais que contribuam para o estabelecimento das Forças de Carácter. Existem vários aspectos que contribuem para o desenvolvimento das Forças de carácter, nomeadamente a família, a escola, comunidades, grupos pares, religião e biologia (Carr, 2004). As manifestações das Forças de Carácter na adolescência serão seguidamente analisadas em pormenor, em termos de investigação disponível relativamente às seis amplas virtudes: a *Sabedoria*, a *Coragem*, a *Justiça*, a *Humanidade*, a *Temperança* e a *Transcendência*.

Relativamente à virtude *Sabedoria* e às Forças de Carácter que nela estão incluídas: a *Criatividade* é uma força de carácter presente na adolescência que é postulada pelas qualidades imaginativas do adolescente. Há evidências de que a *Criatividade* contribui para o desenvolvimento do ego na adolescência, que como recurso interno inclui a capacidade de tolerar a ambiguidade, diferenciar a si próprio dos outros e lidar com um mundo de afectos, da abstracção e complexidade (Hanson, 1997). A *Curiosidade e Amor à Aprendizagem*, por seu lado, desenvolvem-se à medida que os adolescentes começam a experienciar novas situações, com o objectivo de alcançar a sua própria independência. Os adolescentes desejam envolver-se numa ampla variedade de actividades conotados com um valor positivo. No entanto, a escolha de interesses na adolescência depende de vários factores, entre os quais: o nível de escolaridade, sexo, inteligência, situação familiar, prestígio social, a influência de grupo pares e as oportunidades de formação e de participar em diversas actividades (Wolman, 1998). A *Abertura de Mente* durante a adolescência pode ser vista como algo limitado devido ao enorme grau de conformidade que existe entre o desenvolvimento do adolescente e do seu grupo par. Na maior parte dos casos, o adolescente desenvolve um auto-conceito compartilhado, tendendo a

identificar-se com seu grupo par (Wolman, 1998). No entanto, com a expansão cognitiva que ocorre na adolescência, o desenvolvimento do pensamento conduz o adolescente a uma busca mais profunda do significado para a sua própria vida. Por outras palavras, o adolescente sente necessidade de se diferenciar da sua família, da sua vizinhança e sociedade (Mershart, 2007). Ainda, na adolescência a capacidade de assumir a *Perspectiva* do outro tem resultados positivos em termos de comportamento pró-social. Estudos demonstram que adolescentes com mais empatia têm a capacidade de entender o ponto de vista do outro, o que contribui para o desenvolvimento da sua própria identidade (McMahon, Wernsman & Parnes, 2006).

Relativamente à virtude *Coragem*, embora exista uma pesquisa bastante limitada sobre a *Autenticidade e a Integridade* na adolescência, Blau e Stearns (2002) relataram diferenças raciais e étnicas em adolescentes relativamente ao grau em que estes valorizam a *Integridade*. O estudo demonstrou que grupos de adolescentes Caucasianos revelavam valores de *Integridade* e *honestidade* mais baixos, em contraste com grupos Africanos que apresentaram um valor mais elevado. Existe também uma pesquisa bastante limitada relativamente à *Bravura* como uma Força de Carácter na adolescência. A *Bravura* na adolescência tem sido identificada em estudos de investigação sobre a violência de gangues, no qual a expressão de *Bravura* foi vista como um aspecto positivo dentro desses contextos (Peacock & Theron, 2007). A *Persistência*, por outro lado, é identificada na capacidade dos adolescentes reconhecerem e utilizarem o seu livre-arbítrio para exibirem comportamentos de auto-controlo e auto-restrição. A falta de *Persistência* pode ser observada na indecisão, na susceptibilidade à pressão dos pares e na instabilidade que são também temas característicos da adolescência (Markstrom, Li, Blackshire & Wilfong, 2005).

No que diz respeito à virtude *Humanidade*, o impacto positivo do *Amor* na adolescência tem sido referido como sendo importante para o bem-estar geral do adolescente em termos de resiliência. Benard (2004), apresenta resultados de um estudo em que crianças resilientes que procuram *Amor* conectando-se ou atraindo a atenção de adultos disponíveis. O *Amor* fomenta nestes indivíduos a capacidade e confiança de estabelecer outras conexões sociais. Relativamente à *Inteligência Social*, Benard (2004), relata um estudo realizado por Goleman (1995), indicando que os benefícios de ser capaz de ler sentimentos a partir de pistas não-verbais encontram-se relacionados com um melhor ajustamento emocional. Além disso Benard (2004) discute um estudo segundo o qual a *Bondade*, em forma de empatia e cuidado, é considerada como um factor de diferenciação em jovens resilientes de 18 anos do sexo masculino.

Relativamente à virtude *Justiça*, embora os primeiros anos da infância sejam formativos, os valores da família e colegas desempenham um papel fundamental na socialização da responsabilidade social ou no *Trabalho de Equipa*, tendo sido argumentado que a forma de como o adolescente enfrenta e resolve as questões sociais durante o período da adolescência vai-se tornar parte integral de sua personalidade (Peterson & Seligman, 2004). A *Liderança*, por seu lado, tem sido relacionada com a diminuição de um leque de comportamentos de risco em adolescentes. Além disso, tais indivíduos são socialmente flexíveis e apresentam boas habilidades organizacionais (Allen, Porter & McFarland, 2006).

No que diz respeito à virtude *Temperança*, o *Perdão* na adolescência tem sido associado ao aspecto moral do desenvolvimento psicológico. De acordo com estudos empíricos relatados por Peterson & Seligman (2004), a investigação tem demonstrado que a vontade de perdoar varia em função da idade. No início da adolescência, os indivíduos perdoam apenas quando o ofendido obteve a vingança ou o transgressor fez restituição. A meio da adolescência, o jovem perdoa devido a influências religiosas ou à pressão social ou moral. Em indivíduos na adolescência tardia, perdoam no sentido de promoverem uma sociedade mais harmoniosa ou como expressão do amor incondicional (Wolman, 1998). A *Auto-controlo*, no mesmo sentido, parece melhorar com a idade e a experiência. À medida que os adolescentes se tornam cada vez mais capazes de controlar e dirigir seu próprio comportamento e aprendizagem, são capazes de dominar os seus impulsos e reacções emocionais. A *Auto-controlo* no entanto pode ser difícil para os adolescentes, uma vez que envolve a capacidade de atenuar a frustração e a aversão de uma situação stressante (Ayduk, Mendoza-Denton, Mischel, Downey, Peake & Rodriguez, 2000).

Relativamente à virtude *Transcendência*, o *Humor* tem sido associado a sentimentos de menor solidão, depressão e uma auto-estima mais elevada nos adolescentes. O *Humor* na adolescência tem sido estudado em relação a estratégias de defesa utilizadas na adolescência. Foi estabelecida uma ligação entre o Humor como preditor de sintomas depressivos e de ajustamento na adolescência, assim também como um sentimento geral de bem-estar (Erikson & Feldstein, 2007). A *Esperança*, também por si, tem sido identificada através de investigações como uma força psicológica fundamental nos jovens. Os resultados têm sido consistentes com as teorias de motivação em que as diferenças individuais no pensamento esperançoso desempenham um papel funcional na ligação entre os eventos de vida e o bem-estar psicológico. Os adolescentes que relataram níveis mais elevados de esperança parecem ter um menor risco de experienciar um

aumento da internalização de problemas de comportamento e uma redução na satisfação com a vida, quando confrontados com os eventos de vida adversos (Valle, Huebner & Suldo, 2006). Estudos sobre o desenvolvimento, avaliação e promoção da *Gratidão* entre crianças e adolescentes parece ter implicações claras para a felicidade e o bem-estar subjectivo (Froh, Miller & Snyder, 2007). Por fim no que respeita a *Espiritualidade*, existem investigações que a confirmam como uma força para o comportamento do adolescente, através da influência que o envolvimento religioso tem sobre os comportamentos negativos na adolescência. Exemplos de tais comportamentos incluem: delinquência, comportamento sexual de risco e uso de substâncias. A *Espiritualidade* também tem sido associada a taxas mais elevadas de comportamentos pró-sociais na adolescência (Hardy & Carlo, 2005). Estudos associam o envolvimento religioso ou espiritual, com resultados positivos de desenvolvimento, tais como: saúde, desempenho académico e a resolução de identidade e de encontrar significado e propósito na vida. Estes foram identificados através da exploração da relação entre o desenvolvimento espiritual e o florescimento na adolescência (Roehlkepartain, 2004).

4. Desenvolvimento Positivo da Juventude

Segundo Larson (2006,) o período da adolescência acrescenta novos obstáculos ao desenvolvimento da juventude, competindo neste percurso motivos novos e mais fortes, tais como o desejo sexual e desejo de se integrar num grupo par, que podem interferir no desenvolvimento são do adolescente e criar um maior stress. Por estas e outras razões, muitos jovens têm diminuindo a sua motivação no seu desempenho académico, bem como tendem a apresentar um maior risco de problemas psicológicos e comportamentais. Por outro lado, a adolescência também se distingue como um período importante para o desenvolvimento de novos níveis de competência cognitiva que pode reforçar a capacidade dos jovens para o envolvimento em actividades e ajudá-los a ultrapassar obstáculos (Keating, 2004; Moshman, 1998). Ou seja, assim tal como a adolescência cria novos obstáculos ao desenvolvimento positivo, também ela cria o potencial para os jovens desenvolverem um nível mais avançado de auto-regulação, iniciativa, e organizar os seus esforços para trabalhar perante objectivos (Larson, 2000).

O desenvolvimento positivo da juventude pode ser definido como a capacidade dos jovens se tornarem produtores do seu próprio desenvolvimento. Para tal, a sua motivação interna

necessita de ser activada e sustentada. Os jovens necessitam de uma maior experiência para desenvolverem gradualmente a sua auto-eficácia, bem-estar e participação construtiva na sociedade. Assim sendo, e também apoiado por Larson (2006), o voluntariado devido ao leque de experiências que permite relativamente ao apoio à comunidade, é uma das actividades consideradas promover o desenvolvimento positivo da juventude, já que, ainda segundo Peterson e Park (2009), as Forças de Carácter são a base para um desenvolvimento óptimo da vida.

Konwerski e Nashman (2008), por seu lado, também defendem que os jovens ao se associarem a projectos de ajuda têm o potencial de desenvolver traços de personalidade desejáveis, capacidades e hábitos, assim como internalizar papéis de ajuda no seu conceito do self, aumentando desta forma a probabilidade de desenvolvimento e fomentação das Forças de Carácter no jovem. Tal aspecto irá ser discutido e tido em conta na secção seguinte.

5. Relação entre Voluntariado e as Forças de Carácter no Jovem

Antes de se ter em consideração o voluntariado como promotor do desenvolvimento das Forças de Carácter no jovem, importa primeiro definir o conceito de voluntariado. Segundo o *art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro*, o voluntariado consiste no conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as actuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.

O serviço comunitário voluntário tem atraído muita atenção enquanto uma experiência potencialmente benéfica para as pessoas mais jovens. À parte do benefício óbvio que o voluntariado traz para a sociedade (Omoto e Snyder, 1990), os educadores têm considerado a potencialidade do trabalho voluntário na promoção da responsabilidade cívica e no crescimento moral nos estudantes. Os potenciais benefícios de tais programas, que variam desde a redução de problemas comportamentais à capacidade de aumentar a competência social e escolar, tornam o serviço comunitário num dos temas mais desejados para a prevenção primária das perturbações mentais. Programas de prevenção primária são elaborados com o objectivo de promover a saúde e competência numa determinada população (Levine & Perkins, 1987). Examinando algum do

racional dos programas de serviço comunitário, permanece a ideia de que o voluntariado possa ser encarado como uma ferramenta de prevenção primária e meio de empowerment para os adolescentes. Newmann e Rutter (1983) propuseram que o serviço comunitário promove a capacidade dos adolescentes se desenvolverem em adultos independentes, competentes e capazes de um julgamento, pensamento hipotético e abstracto, assim como também de resolução de problemas. Em adição, o voluntariado pode ajudar a promover a auto-estima e confiança, influenciar a responsabilidade social e pessoal e aumentar as capacidades dos adolescentes para a liderança e o desenvolvimento de uma melhor relação uns com os outros (Harison, 1987; Kirby, 1989). Através da potencialização destas competências nos adolescentes, o voluntariado também aumenta a resistência destes a outros problemas como a gravidez na adolescência, abandono escolar e delinquência (Allen, Philliber, & Hoggson, 1990; Newmann, 1983). O voluntariado também tem sido visto como um mecanismo através do qual os adolescentes adquirem a capacidade de lidar com os seus problemas/situações, aumentar o seu sentido de controlo pessoal e a preocupação com a influência social (Allen, Philliber, & Hoggson, 1990; Rappaport, 1987).

Omoto e Snyder (1990; Snyder, 1993) sugerem que a motivação para o voluntariado poderá estar baseada em valores pessoais, sentimento de obrigação de ajudar os outros, desejo de melhor compreender o grupo de pessoas ou o fenómeno social, preocupação com a comunidade, desejo para o desenvolvimento e crescimento social e desejo de aumentar a auto-estima. Modelos teóricos sugerem que o voluntariado pode promover a competência, auto-estima, reduzir os níveis de problemas comportamentais, proporcionar um maior conhecimento dos problemas comunitários e promover o desenvolvimento cognitivo e moral nos adolescentes.

Um estudo realizado com 4000 estudantes em 33 programas de educação experimental (Conrad & Hedin, 1981b; Conrad & Hedin, 1982) evidencia os efeitos do voluntariado nos estudantes relativamente aos outros assim como também, o desenvolvimento moral e da responsabilidade comportamental.

A investigação focou-se em três grandes áreas de potencial benefício para os estudantes:

- 1) Desenvolvimento social, isto é, até que ponto os programas de educação experimentais afectam o nível de responsabilidade dos estudantes, as suas atitudes acerca dos outros, atitudes acerca da participação activa na comunidade e planeamento de carreira.
- 2) Desenvolvimento psicológico, isto é, os programas de educação experimental afectarem a auto-estima dos estudantes em geral e em situações sociais ou ao nível da razão moral.

- 3) Desenvolvimento intelectual, ou seja, as mudanças nos conhecimentos dos estudantes acerca de assuntos da comunidade e recursos e capacidade de resolução de problemas após a participação num programa de educação experimental.

Apesar da existência de algumas diferenças entre os efeitos dos programas experimentais em geral e o voluntariado especificamente serem esperados, muitos aspectos das actividades em si são semelhantes. Os programas de educação experimental basearam-se em vários tipos de escola (pública, privada e paroquial), numa variedade de áreas geográficas e com populações de estudantes diversas. Os resultados sugerem que o grupo envolvido na educação experiencial desenvolveu mais em relação ao grupo de comparação relativamente ao desenvolvimento moral, auto-aceitação, atitudes positivas acerca dos adultos.

Tendo em conta todo o enquadramento teórico acima apresentado, torna-se pertinente levantar algumas questões relativamente à presente investigação. O estudo das Forças de Carácter é um campo de investigação muito recente, e por tal necessita de um maior apoio empírico relativamente à sua conceptualização, definição de Forças de Carácter, compreensão dos seus processos, factores promotores e inibidores, assim como também das influências. Para além destas questões, a presente investigação também tem o propósito de compreender que Forças de Carácter estão associadas ao voluntariado; se o voluntariado, neste caso particular promovido pelo Projecto SolSal, tem a potencialidade de promover Forças de Carácter nos jovens voluntários e permitir um desenvolvimento positivo para os jovens; assim como também promover um sentimento subjectivo de bem-estar.

Relativamente à questão quais as Forças de Carácter que poderão estar mais directamente associadas ao voluntariado, é possível prever através da literatura acima descrita que o *Amor à Aprendizagem* poderá ser uma delas, assim como também a *Abertura de Mente*. Esta hipótese baseia-se no pressuposto de que o serviço comunitário promove o desenvolvimento de capacidade de julgamento, pensamento hipotético e abstracto e capacidade de resolução de problemas, processos estes que envolvem a utilização destas forças (Newmann e Rutter, 1983). Outras Forças de Carácter a destacar são o *Amor*, a *Bondade*, a *Inteligência Social e Liderança*, com base na ideia de Harison (1987) e Kirby (1989) de que o voluntariado ajuda a promover a auto-estima e confiança, assim como influenciar a responsabilidade social e pessoal; aumentar as capacidades dos adolescentes para liderança e promover uma maior capacidade de se

relacionarem bem uns com os outros (Harison, 1987; Kirby, 1989). Esta promoção de auto-estima e confiança, assim como também da responsabilidade pessoal e social são factores indicados por Peterson e Seligamn (2004) como promotores das Forças de Carácter. Coloca-se a hipótese também de que a *Cidadania* ou *Trabalho em equipa* possam estar mais directamente associadas ao voluntariado, já que segundo Peterson e Seligamn (2004) esta força é especialmente promovida através da participação em actividades extra-curriculares, em organizações de voluntariado, numa atmosfera de aprendizagem informal, estrutura igualitária e onde exista liderança da juventude.

Com a proposta das forças acima indicadas, tal não exclui a importância que as outras forças referidas no Manual de Classificação VIA poderão ter nas actividades do voluntariado, contudo espera-se que as forças assinaladas acima estejam mais directamente associadas e visíveis na prática do voluntariado.

Uma outra questão que se coloca, pertinente à presente investigação refere-se à natureza da relação entre as Forças de Carácter e o Voluntariado, ou seja, se esta relação é unidireccional, ou seja, se determinadas Forças de Carácter enquanto características do indivíduo conduzem-no à participação no voluntariado e à sua manutenção nessas actividades; ou se é bidireccional, isto é, se determinadas Forças de Carácter conduzem o indivíduo a aderirem ao voluntariado, da mesma forma que as características das actividades de voluntariado permitem o fortalecimento e desenvolvimento dessas forças. Fundamentalmente, pretende-se com esta questão compreender, se as Forças de Carácter associadas aos voluntários são características do indivíduo que os conduzem ao voluntariado; se os indivíduos vão adquirir e fortalecer esse conjunto de forças através da sua participação no voluntariado; ou se a relação é bidireccional.

II – ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

1. Objectivos Gerais:

O presente estudo tem como principal finalidade compreender os contributos do Voluntariado do Projecto SolSal para o desenvolvimento das Forças de Carácter em Jovens Voluntários.

2. Objectivos Específicos:

- Identificar as Forças de Carácter que estão mais presentes nos jovens voluntários do Projecto SolSal
- Compreender a percepção que os voluntários têm relativamente às suas Forças de carácter
- Compreender os processos envolvidos no desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens voluntários
- Identificar os factores promotores e inibidores do desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens voluntários
- Identificar influências para o desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens voluntários
- Compreender o papel da religião no desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens voluntários
- Compreender os contributos da participação no voluntariado do Projecto SolSal para o florescimento das Forças de Carácter
- Compreender a relação das Forças de Carácter e o voluntariado
- Compreender a relação das Forças de Carácter e a promoção do bem-estar subjectivo

3. Metodologia

3.1. Tipo de investigação

O estudo de Forças de Carácter de assinatura em jovens é uma área de investigação ainda muito recente. Por se tratar de uma área de investigação nos seus primórdios, a metodologia desenvolvida para o estudo da mesma é escassa e carecida de bons índices de validade e precisão, assim como também desprovida de compreensão dos processos envolvidos na obtenção

e desenvolvimento das Forças de Carácter. Nesse sentido, optou-se para a presente investigação proceder-se à combinação de duas abordagens metodológicas, a quantitativa (mais empirista) e a qualitativa (mais construcionista e interpretativo), optando-se por uma metodologia mista. Esta metodologia permite simultaneamente realizar análises comparativas e desenvolver aspectos do estudo em termos compreensivos e em profundidade. Segundo Reichardt e Cook (1986), o recurso aos métodos mistos permite ultrapassar as limitações das metodologias quantitativas e qualitativas, permitindo uma complementaridade dos dados (triangulação) e obter informações importantes que não poderiam ser obtidas utilizando apenas cada um dos métodos isoladamente. Neste sentido, recorreu-se a um procedimento sequencial (Creswell, 2003), no qual numa primeira fase em termos de metodologia quantitativa foi aplicado o Inventário Via para jovens (Peterson and Seligman, 2004) de forma a obter a classificação das Forças de Carácter de assinatura dos Jovens voluntários do Projecto SolSal, tendo sido posteriormente conduzido uma entrevista semi-estruturada (metodologia qualitativa) que combinou questões prévias, estruturadas com a informação do Inventário e adicional, com o propósito de aprofundar sobre o processo de desenvolvimento de Forças de Carácter nos jovens voluntários.

3.2. Caracterização da amostra

Para o presente estudo recorreu-se à selecção de participantes que pertencessem à Bolsa de Voluntariado do Projecto SolSal e que tivessem finalizado de participar em actividades voluntariado em instituições parceiras do Projecto.

Num total de 43 voluntários pertencentes ao Projecto SolSal activos em trabalho voluntariado em instituições, 10 responderam ao Inventário VIA para Jovens online, dos quais 4 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos e média de 17 anos de idade. Devido ao número reduzido de voluntários que se demonstraram dispostos a participar no Inventário VIA para Jovens online, procedeu-se à realização de uma entrevista semi-estruturada de forma a aprofundar os dados obtidos no Inventário VIA para Jovens e os conhecimentos relativamente à relação das Forças de Carácter e participação no voluntariado. Inicialmente estava previsto realizar entrevistas aos 10 voluntários que haviam respondido ao Inventário, contudo devido à proposta da entrevista ter sido feita num período em que os voluntários estavam a realizar as provas nacionais de segunda época (os estudantes do 12º ano), e muitos deles a prepararem-se para ir de férias, apenas 4 voluntários se disponibilizaram a

realizar a entrevista. Assim sendo, decidiu-se efectuar um estudo caso dos quatro voluntários do Projecto SolSal que se ofereceram a realizar a entrevista, um do sexo masculino e três do sexo feminino (ver tabela 1). Como a entrevista corresponde a um método qualitativo, não existiu a preocupação com a dimensão da amostra ou com a generalização dos resultados e representatividade estatística. Pretendeu-se apenas aceder a dados que possibilitassem uma maior compreensão do objectivo geral proposto.

Tabela 1. Caracterização dos Participantes da Investigação que realizaram entrevista

	Idade	Sexo	Escolaridade	Tipo de Voluntariado	Coabitação	Religião
A	17 anos	Masculino	12º ano terminado	Apoio no Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula (Cuidado de crianças)	Pais	Católica
B	17 anos	Feminino	11º ano terminado	Casa de Protecção e Amparo de Santo António (Cuidado de bebés)	Pais	Ateu
C	18 anos	Feminino	12º ano terminado	Apoio no Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula (Cuidado de crianças)	Pais	Ateu
D	18 anos	Feminino	12º ano terminado	Apoio no Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula (Cuidado de crianças)	Pais	Católica

3.3. Instrumentos de recolha de dados

3.3.1. The Values in Action Inventory of Strengths for Youth (VIA-Youth)

O carácter pode ser definido como um construto multidimensional, formado por uma família de traços positivos que manifestam sentimentos, pensamentos e comportamentos (Park & Peterson, 2006). O Inventário VIA para Jovens acede a 24 Forças de Carácter que foram primeiramente conceptualizadas por Peterson e Seligamn (2004) no Manual de Classificação

VIA. Relativamente à sua natureza, o Inventário VIA para Jovens é um questionário de auto-relato constituído por 198 itens, aplicável a indivíduos com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos, estando desde 2001 disponível online de forma gratuita (www.viacharacter.org). O Inventário é constituído por itens estilo Likert de 5 pontos (que variam desde 1 = absolutamente nada a ver comigo, a 5 = absolutamente tudo a ver comigo), com vista a medir o grau em que indivíduos se relacionam ou expressam as 24 Forças de Carácter referidas no Manual de Classificação VIA. Itens exemplo do Inventário VIA incluem frases como: “Estou interessado em todo o tipo de coisas.”, no qual se reflecte a Força de Carácter *Curiosidade*; e “Eu sou bom a fazer as pessoas rir.”, que por sua vez reflecte a Força de Carácter *Humor*. É pedido aos indivíduos no inventário que relatem em que medida as frases que reflectem cada uma das Forças de Carácter, se aplicam a eles próprios. As pontuações do inventário são calculadas através de uma pontuação inversa de alguns dos itens e após serem somadas e realizada a média para cada uma das escalas das Forças de Carácter, estas são interpretadas com base nos valores mais e menos elevados. Os relatos da pontuação obtida no Inventário são fornecidos a cada participante após o completamento do Inventário, sendo as cinco forças com maior pontuação consideradas “Forças de Carácter de assinatura”, ou seja, as forças que mais representam o indivíduo.

A natureza de auto-relato do Inventário é considerada uma forma razoável de aceder aos componentes do carácter (Peterson e Seligman, 2003). Para além disso, a natureza de auto-relato do Inventário VIA não apresenta uma ameaça de desejabilidade social relativamente aos índices de precisão, já que as forças são essencialmente desejadas socialmente (Steen, Kachorek & Peterson, 2003). O Inventário leva uma média de 40 a 50 minutos a ser completado, dependendo de cada indivíduo.

No que respeita à sua validade e precisão, Peterson e Seligman afirmam que todas as Forças de Carácter devem ser mensuráveis. Das 24 forças, muitas delas podem ser avaliadas através de inventários de auto-relato, observações de comportamento, relatos de grupos pares e entrevistas clínicas. Existem forças que no entanto, necessitam ainda de ser acedidas com um bom índice de precisão, que são elas: a *Humildade*, a *Modéstia* e a *Bravura*. Os investigadores reconhecem que algumas das forças são mais difíceis de se avaliar que outras, e portanto métodos de avaliação para estas forças ainda estão em progresso de ser elaboradas.

Para cada força existem várias medidas que podem ser administradas de forma a avaliar o nível de traço de uma pessoa para uma determinada Força de Carácter. Contudo, devido à falta de tempo e energia torna-se impossível administrar todas as medidas das 24 Forças de Carácter numa só sessão de teste. Para resolver esta questão, Peterson e Seligman, elaboraram uma nova medida, o Inventário VIA de forma a permitir avaliar todas as Forças de Carácter num relativo curto espaço de tempo. A partir do ano 2000, os investigadores realizaram testes piloto com um grupo de 250 adultos. Os investigadores removeram os itens que demonstravam uma fraca correlação com o resto dos itens numa mesma escala de interesse. Peterson e Seligman repetiram este processo até os Alfas de Cronbach demonstrarem escalas que excedessem 0.70. É possível afirmar que as escalas do inventário VIA para Jovens têm Alfas de Cronbach satisfatórios ($>.70$) e uma relação substancial de teste-reteste ($>.70$). O Inventário VIA para jovens tem sido validado em relação a si e a outras medidas de Forças de Carácter e correlaciona-se com medidas do bem-estar subjectivo, felicidade e classificações escolares (Park & Peterson, 2006). Os índices de precisão do Inventário VIA como um todo, num contexto urbano multicultural demonstraram ser elevados, revelando Alfas de Cronbach entre 0.92 e 0.96 para a escala total dos 198 itens (Dreyer, 2007)

Limitações

Existem poucos estudos que investigaram a estrutura do Manual de Classificação VIA, no qual o Inquérito VIA para Jovens é baseado, o que significa que muitos dos investigadores têm vindo a aceitar a validade do modelo das 24 Forças de Carácter sem exigirem dados empíricos que a apoiem. Também, através de uma análise de factor de segunda ordem Macdonald et. al (2008) descobriram que as 24 Forças de Carácter não se incluíam no modelo das 6 virtudes proposta pelo Manual de Classificação VIA, pois nenhum dos agrupamentos das Forças de Carácter se assemelhava à estrutura das 6 virtudes propostas no Manual de Classificação VIA. Os investigadores repararam que muitas das Forças de Carácter do VIA cruzavam com múltiplos factores, e que as forças seriam melhor representadas por um modelo de 1 ou 4 factores. O modelo de 1 factor significaria que as forças seriam melhor representadas como um factor dominante, ou seja, como um traço global da personalidade. O modelo de 4 factores assemelha-se ao modelo “Big Five” da personalidade. As Forças de Carácter do modelo de 4 factores poderão ser organizadas nos seguintes grupos: Gentileza, Positividade, Intelecto e

Conscienciosidade. Claramente, algumas das evidências empíricas fazem duvidar a ligação proposta por Peterson e Seligman (2004) das 24 Forças de Carácter com as 6 virtudes. Ainda, Brdar e Kashdan (2009), usando instrumentos estatísticos mais precisos, descobriram que o modelo de 4 factores (Forças Interpessoais, Vitalidade, Força Moral e Precaução) explicava 60% da variância do agrupamento das Forças de Carácter, enquanto que o modelo de 1 factor (a existência de um traço de carácter global da personalidade) explicava 50% da variância. O modelo de 4 factores descoberto por Brdar e Kashdan (2009) é semelhante ao modelo de 4 factores sugerido por Macdonald et. al (2008). Uma vez mais, Brdar e Kashdan (2009) descobriram que as 24 Forças não se inseriam todas no agrupamento das 6 virtudes proposta por Peterson e Seligman (2004). As correlações encontradas entre muitas das forças demonstra que cada força não é distinta, contradizendo a ideia dos autores do Manual de Classificação VIA. É necessário ter, no entanto, precaução relativamente à interpretação dos resultados obtidos por Peterson e Seligman (2004), Macdonald et. al (2008) e Brdar e Kashdan (2009), já que as suas amostras diferem quanto à idade e país de origem.

3.3.2. Entrevista Semi-estruturada

A escolha da entrevista como método de recolha de dados baseou-se, não só na reduzida dimensão de participantes que se disponibilizaram a realizar o Inventário VIA para Jovens, mas também por ser um instrumento metodológico que enfatiza o ponto de vista do entrevistado, permitindo obter relatos ricos, profundos e detalhados sobre experiências da vida dos entrevistados, e deste modo aprofundar os conhecimentos sobre o objectivo geral proposto na investigação e complementar os dados obtidos no Inventário VIA para Jovens. Por se tratar de uma investigação qualitativa, a viabilidade e fiabilidade dos instrumentos vai depender de grande forma da sensibilidade, integridade e conhecimento do investigador (Fernandes, 1991). Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o entrevistador e os seus interlocutores, permitindo deste modo uma verdadeira troca, durante a qual o entrevistado exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações e experiências (Quivy, 1995).

Existem várias variantes da entrevista, sendo que se procedeu à selecção da entrevista semi-estrutura, ao invés da entrevista estruturada ou não estruturada. Tal escolha baseou-se no facto da entrevista semi-estruturada permitir uma combinação entre perguntas fechadas e abertas,

tornando-se numa abordagem mais flexível do que a entrevista estruturada, onde as questões são previamente definidas e em que entrevistador se limita a anotar as respostas num formulário. A entrevista semi-estrutura permite assim uma maior liberdade de resposta, não existindo uma ordem pré-estabelecida, onde é possível adaptar a entrevista ao entrevistado. Por outro lado, na entrevista semi-estruturada não existe uma liberdade total tal como na entrevista não estrutura, o que permite um maior auxílio indirecto ao entrevistado na sua expressão e fornecimento de uma informação mais precisa. A entrevista semi-estruturada, exige no entanto um planeamento prévio das temáticas que irão ser abordados com os participantes. O entrevistador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, que poderá tomar a forma de um guião pré-elaborado (ver anexo II), sendo o contexto da entrevista muito semelhante ao de uma conversa informal. Para Selltiz et al. (1976), o papel do entrevistador na entrevista semi-estruturada é servir como catalisador da expressão compreensiva dos sentimentos e crenças do entrevistado, bem como do referencial a partir do qual esses sentimentos e crenças adquirem significação pessoal. Atingir esse objectivo requer a criação de um clima no qual o entrevistado se sinta livre para exprimir-se, sem receio de desaprovação, repreensão ou discussão, e sem receber conselhos do entrevistador. Quando se pretende realizar uma entrevista semi-estruturada, todos os entrevistados precisam de estar envolvidas na situação particular a ser investigada. A função do entrevistador é centrar a atenção em determinados acontecimentos e em seus efeitos, pois ele sabe, antecipadamente, quais aspectos de um assunto deseja abranger.

Selltiz et al. (1976) destaca as seguintes vantagens: a existência de uma maior flexibilidade na obtenção das informações; o entrevistador poder observar o entrevistado e a situação na qual está a responder; possibilidade de observar o comportamento não-verbal para avaliar as respostas do entrevistado, verificando afirmações contraditórias; possibilidade de controlar o ambiente onde se conduz a entrevista; controlo do entrevistador sobre a ordem das questões a serem questionadas; possibilidade do entrevistador gravar as respostas do entrevistado; e maior probabilidade de todas as questões serem respondidas.

Limitações

A entrevista semi-estruturada comporta no entanto também algumas limitações, sendo as mais salientes as limitações do próprio entrevistador, como por exemplo: a escassez de recursos financeiros e de tempo. Por parte do entrevistado também poderá existir uma certa insegurança

relativamente ao seu anonimato e devido a esse aspecto levá-lo a reter informações importantes. A qualidade das entrevistas vai depender muito do planeamento prévio feito pelo entrevistador, já que segundo Sellitz et al (1976) a arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas. A situação em que é realizada a entrevista contribui muito para o seu sucesso, e portanto o entrevistador deve transmitir, acima de tudo, confiança ao entrevistado.

3.4. Procedimento de recolha de dados

Tendo em conta o objectivo geral da investigação, o de compreender os contributos do Projecto SolSal para o desenvolvimento das Forças de Carácter em Jovens Voluntários, pretendeu-se para a recolha de dados, recrutar voluntários que pertencessem ao Projecto SolSal e que tivessem na sua fase final de actividades de voluntariado desempenhadas ao longo do seu ano lectivo em instituições parceiras ao projecto, nomeadamente o *Instituto de Surdos-Mudos da Imaculada Conceição*; a *Associação Resgate - Instituto Conde de Agrolongo*; a *Casa de Protecção e Amparo de Santo António*; e o *Centro Social Paroquial de São Francisco de Paula*.

Tal como referido no enquadramento teórico, a escolha particular deste grupo de voluntários inseridos no Projecto SolSal deveu-se sobretudo à natureza mais relacional e rica em experiências comunitárias do voluntariado em instituições relativamente às outras valências da Bolsa de Voluntariado do Projecto (Armazéns, Campanhas Internas/Externas e Carteira de Parceiros). Dos 43 voluntários pertencentes ao Projecto SolSal 2009/2010 activos em trabalho voluntariado em instituições, apenas 10 disponibilizaram-se a responder ao Inventário VIA para Jovens online. Inicialmente estava previsto realizar uma entrevista semi-estruturada a todos os voluntários que participassem no preenchimento do Inventário VIA, contudo dos 10 participantes, apenas 4 se disponibilizaram a realizar a entrevista.

A aplicação de Inventários VIA online foi feito no período de Junho e Julho e o tempo médio de realização foi de 30 minutos. As entrevistas, por seu lado, foram realizadas no mês Agosto com duração média de 30 a 40 minutos, numa sala privada do Colégio dos Salesianos, não só por se tratar de um ambiente relacionado com o Projecto SolSal, mas também por se tratar de um ambiente natural aos sujeitos, por serem estudantes do Colégio. Ainda no que diz respeito à recolha de dados, para se obter bons dados é necessário ter em conta as pessoas a serem entrevistadas, sendo que, na medida do possível estas pessoas devem já ser conhecidas pelo

entrevistador, pois quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre entrevistador e o entrevistado as pessoas ficam mais à vontade e sentem-se mais seguras para colaborar. Na presente investigação, devido à inserção da entrevistadora no Projecto SolSal, como psicóloga estagiária responsável pela criação e gestão da Bolsa de Voluntariado do Projecto, foi possível a existência de uma relação próxima entre a mesma e os entrevistados. A entrevista deve proporcionar ao entrevistado bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento da sua vida e dos seus problemas.

3.5. Análise dos dados

Os dados obtidos pelo Inventário foram analisados através do programa Spss, e foi implementado as seguintes análises de dados:

- Estatística descritiva para as idades dos voluntários e pontuações obtidas para as escalas das Forças de Carácter e Virtudes
- Índices de precisão (Alfa de Cronbach) foram obtidos para as 6 virtudes e a escala global do Inventário.

Para o tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas semi-estruturadas, optou-se por uma análise de conteúdo. Segundo Moraes (1999) a análise de conteúdo constitui uma metodologia de investigação usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas e ajudando a reinterpretar as mensagens de forma a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. O objectivo da investigação é transformar a informação obtida junto dos participantes em algo que seja interpretável, que tenha significado para o investigador. Numa primeira fase de pré-análise procedeu-se a várias leituras na íntegra de todas as quatro entrevistas, de forma a adquirir um conceito geral do seu conteúdo e identificar frases significativas ou assuntos emergentes (Bardin, 2004). Posteriormente, passou-se à organização do texto em unidades de registo, isto é, segmentos de texto que expressam as ideias dos entrevistados, permitindo identificar as componentes que permitem a ligação com uma categoria. Através da organização de todas as unidades de registo dentro de uma categoria, mais facilmente os dados são interpretados. Na tabela 2 estão representadas as áreas temáticas e unidades de contexto elaboradas para o tratamento de dados das entrevistas semi-estruturadas da presente

investigação. Para o acesso às unidades de registo retiradas das entrevistas associadas às áreas temáticas e unidades de contexto propostas, consultar Anexo VII.

Tabela 2 – Unidades temáticas e unidades de contexto

Áreas temáticas	Unidades de Contexto
Conceito de Forças de Carácter	Definição
Desenvolvimento de Forças de Carácter	Processo
	Factores promotores
	Factores Inibidores
	Influências
Relação da Força de Carácter e Voluntariado	Forças de Carácter associadas a Voluntários
	Motivação para a participação no voluntariado
	Agente promotor/neutro
Forças de Carácter e o Bem-estar subjectivo	Sentido da vida
	Relações positivas
	Emoções positivas

III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo iremos proceder à análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos em ambos os métodos utilizados (quantitativo e qualitativo), com vista a esclarecer algumas das questões colocadas na introdução teórica e os objectivos propostos para a investigação, assim como também verificação das hipóteses colocadas.

Relativamente à questão: quais as Forças de Carácter mais directamente associadas ao voluntariado praticado pelos voluntários do Projecto SolSal, foram realizados 10 Inventários VIA para Jovens online, de forma a obter este resultado. O índice de precisão da escala total do Inventário, revela um Alfa de Cronbach igual a 0.784, o que indica uma boa consistência interna da escala. No que diz respeito aos índices de precisão da escala das virtudes, as subescalas *Sabedoria e conhecimento* e *Transcendência* obtiveram um Alfa de Cronbach acima de 0.70, o que indica uma consistência interna satisfatória. Índices de precisão modestos foram encontrados para as subescalas *Coragem* e *Humanidade*, com Alfa de Cronbach situado entre 0.70 e 0.65. As subescalas *Justiça* e *Temperança*, por seu lado, reflectem um Alfa de Cronbach abaixo de 0.65, o que é considerado como sendo insatisfatório em termos de validade (ver tabela 3). Contudo, relativamente a estes valores apresentados, Peterson e Seligman (2004) já haviam relatado que as forças da virtude *Temperança* são mais difíceis de se medir em termos de precisão do que as outras forças, levantando a questão se as forças da virtude *Temperança* são na verdade aspectos mensuráveis do carácter. O facto de ter sido analisado uma amostra bastante reduzida, poderá ter contribuído para a baixa precisão dos índices aqui relatados. Do mesmo modo, a natureza subjectiva destas forças em particular podem tornar a representação de consistência difícil de adquirir. Ainda, pode-se especular que sendo os participantes adolescentes, o grau de variância é possivelmente maior do que outros grupos de idade, especialmente devido aos aspectos desenvolvimentais associados ao período de adolescência.

Tabela 3 - Índices de Precisão das 6 virtudes

Escala da Virtude	Sabedoria e conhecimento	Coragem	Humanidade	Justiça	Temperança	Transcendência
Alfa de Cronbach	0.717	0.669	0.645	0.234	0.026	0.762

No que diz respeito aos resultados dos 10 voluntários que se disponibilizaram a realizar o Inventário VIA online, é possível destacar como Forças de Carácter mais fortemente associadas a estes voluntários a *Gratidão*, *Cidadania*, *Apreciação pela Beleza*, *Humor* e *Esperança* (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Estatística descritiva das Forças de Carácter com maior pontuação

Forças de Carácter com maior pontuação	Média	Desvio-padrão
Gratidão	3.62	0.377
Cidadania	3.53	0.337
Apreciação pela Beleza	3.52	0.316
Humor	3.50	0.256
Esperança	3.48	0.566

Dos resultados obtidos, apenas a pontuação elevada para a Força de Carácter *Cidadania* vai de encontro com a hipótese proposta no enquadramento teórico, que segundo Peterson e Seligman (2004) trata-se de uma força especialmente promovida através da participação em actividades extra-curriculares, em organizações de voluntariado, numa atmosfera de aprendizagem informal, estrutura igualitária e onde exista liderança da juventude. Contudo, relativamente às restantes Forças de Carácter apontadas como fortemente associadas aos voluntários do Projecto SolSal não previstas no enquadramento teórico, é possível supor no que diz respeito a estes resultados, que quer a *Gratidão*, *Apreciação Pela Beleza*, *Humor* e *Esperança* são aspectos fortemente promovidos pelas actividades do voluntariado, neste estudo caso. No caso da *Gratidão*, por exemplo, o facto dos voluntários se depararem com realidades mais difíceis que as deles, poderá levá-los a sentirem-se mais gratos pela sua própria situação. No que diz respeito ao *Humor*, também perante a adversidade encontrada nos contextos do voluntariado, e as dificuldades sentidas ao longo das tarefas e relações estabelecidas no voluntariado, poderá levar o jovem a desenvolver um sentido optimista, como estratégia de coping, de forma a contrariar as dificuldades sentidas. A *Apreciação pela Beleza*, será talvez a Força de Carácter mais difícil de ser explicada relativamente à sua relação com o voluntariado. Contudo, a experiência do voluntariado poderá dar momentos ao indivíduo em que este é capaz de apreciar o brilhantismo moral das outras pessoas. Quanto à Força de Carácter *Esperança*,

Valle, Huebner & Suldo (2006) referem que os adolescentes que relataram níveis mais elevados de esperança parecem ter um menor risco de experienciar um aumento da internalização de problemas de comportamento e uma redução na satisfação com a vida, quando confrontados com os eventos de vida adversos. Nesse sentido, é de esperar que os indivíduos ao se deparem com situações adversas desenvolvam um sentido optimista relativamente a essas situações, como estratégia de coping.

Relativamente às Forças de Carácter que revelaram uma menor pontuação, e deste modo apresentam uma menor associação aos voluntários do Projecto SolSal, foram: o *Auto-controlo* com pontuação média de 2.76 e desvio padrão de 0.549; a *Criatividade* com pontuação média de 2.93 e desvio padrão de 0.444; e a *Espiritualidade*, com pontuação média de 2.97 e desvio padrão de 0.548. A reduzida pontuação obtida no *Auto-controlo*, não terá necessariamente a ver com uma pobre associação desta Força de Carácter com o voluntariado, mas antes devido a ser um processo difícil de ser adquirido pelos adolescentes, uma vez que envolve a capacidade de atenuar a sua frustração e a sua aversão a uma situação stressante (Ayduk, Mendoza-Denton, Mischel, Downey, Peake & Rodriguez, 2000). Contudo, o *Auto-controlo* parece melhorar com a idade e experiência. Relativamente à reduzida pontuação na *Criatividade*, é um resultado dificilmente explicado, devido a não existirem indicações teóricas de uma pobre associação da *Criatividade* com o voluntariado. Contudo os resultados explicam-se, tendo em conta que a *Criatividade* se trata fundamentalmente de um traço pessoal e que poderá ser fomentado através de novas experiências desafiadoras, se existir uma capacidade do jovem para pensar em novas alternativas. A reduzida pontuação obtida na Força de Carácter *Espiritualidade*, também não era esperada, sobretudo devido ao Projecto SolSal ser baseado em ideais cristãos e apoiado por um Colégio de cariz católico. A *Espiritualidade* também tem sido associada a taxas mais elevadas de comportamentos pró-sociais na adolescência (Hardy & Carlo, 2005). Contudo uma das possíveis explicações para os reduzidos valores na *Espiritualidade*, poderá estar relacionada com a presença ou ausência de uma afiliação religiosa por de parte dos jovens participantes. Através dos dados obtidos a partir das entrevistas semi-estruturadas, revelou-se que alguns dos jovens não possuem qualquer afiliação religiosa, o que poderá ter comprometido os resultados.

Relativamente às Forças de Carácter encaradas como fortemente associadas aos voluntários do Projecto SolSal, com base nos resultados obtidos nos Inventários VIA para Jovens, coloca-se ainda a questão se essas Forças de Carácter já eram fortemente assumidas

pelos jovens voluntários antes das actividades no voluntariado, ou se o voluntariado permitiu o desenvolvimento e florescimento dessas forças, ou se a relação é bilateral. Para uma resposta mais precisa relativamente a esta questão, teria sido fundamental que tivesse sido aplicado um processo metodológico mais completo, no qual se aplicaria os Inventários VIA para Jovens antes e após as actividades no Voluntariado do Projecto SolSal, para melhor testar as diferenças. Ainda tendo em conta aos resultados inesperados obtidos no Inventário VIA para Jovens, uma explicação mais aprofundada dos mesmos poderá ser fundamentada através da informação obtida nas entrevistas semi-estruturadas realizadas no estudo caso.

Relativamente à virtude que teve maior pontuação foi: a *Transcendência* com pontuação média de 3.42 e desvio padrão de 0.308; tal resultado seria de esperar, devido às elevadas pontuações obtidas nas Forças de Carácter agrupadas nesta virtude: a *Apreciação pela Beleza e Excelência*, a *Gratidão*, a *Esperança*, o *Humor*. A virtude que teve menor pontuação foi: A *Temperança* com pontuação média de 3.03 e desvio padrão de 0.206; esta virtude agrupa Forças de Carácter como o *Perdão e Misericórdia*, *Humildade*, *Prudência e Auto-controlo*, sendo este resultado uma vez mais explicado na componente desenvolvimental dos adolescentes, que revelam uma maior dificuldade a atenuar a sua frustração e a aversão perante uma situação stressante.

A análise de conteúdo das entrevistas semi-estruturas realizada com os 4 voluntários, dos 10 que responderam ao Inventário VIA para Jovens, permite-nos atender aos restantes objectivos propostos para investigação e aprofundar os nossos conhecimentos relativamente à percepção das Forças de Carácter pelos voluntários, aos processos, factores promotores e inibidores e influências do desenvolvimento das Forças de Carácter no Jovem Voluntário.

Com estas entrevistas não se pretendeu uma exploração extensiva de todas as Forças de Carácter, uma vez que para tal teria sido necessário um maior período de tempo de instigação. Pretendeu-se apenas com as entrevistas recolher dados importantes particularmente sobre as Forças de Carácter fortemente associadas aos voluntários do Projecto SolSal, compreender qual a relação existente, como é que estas se desenvolvem e se está relacionada com o bem-estar.

Relativamente à forma de como os voluntários definem Forças de Carácter, os resultados indicam que estes geralmente descrevem as Forças de Carácter com uma conotação positiva: “(...) pontos fortes da pessoa que são mais aproveitados em actividades que exijam defender determinadas ideias ou valores” (A); “(...)leva-nos a ser proactivos e envolvermo-nos em

experiências” (B); “(...) são as forças que vão resolver as dificuldades que vamos enfrentar” (D). Para além disso também descrevem-nas como uma inclinação para uma acção: “(...) forças que transparecem quando executamos alguma tarefa.”(A); “(...) o que nos leva a fazer determinadas coisas...envolvermo-nos em experiências”(B);“(...) maneira como encaramos as situações, e é nelas que as nossas forças de carácter se vão manifestar”(D). Noções estas, que vão de acordo com o proposto por Peterson e Seligamn (2004), de que se tratam de traços positivos reflectidos nos pensamentos do indivíduo, sentimentos e comportamentos e a definição de Webber (2006), de que se trata de um traço ou disposição estável que pode ser inclinada por uma determinada força, perante um determinado comportamento, em resposta a uma determinada situação. Um outro voluntário define ainda o Carácter como “(...) os valores que definem as pessoas” e as Forças de Carácter como “(...) ser fiel aos nossos valores”. Tal descrição estabelece um paralelo com a de Weber (2006), em que este afirma que apesar do valor não ter que necessariamente ser bom dentro e fora de si, a virtude, por seu lado, já o é. Cada indivíduo tem um cerne de valores subjacentes que contribui para o seu sistema de crenças, ideias e opiniões. A integridade na aplicação de um valor assegura a sua continuidade e é esta continuidade que separa os valores, das crenças, opiniões e ideias. Neste contexto o valor é o cerne através do qual se opera ou reage e as virtudes são características mais amplas valorizadas como promotoras do bem-estar individual e colectivo.

Os resultados demonstram que existe um consenso entre as definições partilhadas pelos voluntários e o que tem vindo a ser descrito na literatura, o que poderá indicar um relativo entendimento geral do conceito “Forças de Carácter” pelos jovens voluntários. Contudo, também é visível uma certa dificuldade em diferenciar conceitos relacionados como carácter, valores e virtudes. Para uma melhor compreensão do entendimento dos jovens sobre as Forças de Carácter, uma investigação mais aprofundada deve ser feita nesse sentido.

Na entrevista foi também pedido aos voluntários que referissem as Forças de Carácter com as quais estes mais se identificam, e as com que menos se identificam. Esta questão teve como propósito avaliar as diferenças entre os resultados obtidos no Inventário VIA para Jovens e a opinião subjectiva desses mesmos jovens, de modo a compreender se são divergentes ou convergentes, ou seja, se existe uma concordância entre o que é avaliado no Inventário VIA para Jovens e a opinião subjectiva dos jovens relativamente às suas Forças de Carácter. Os resultados (ver tabela 4 e 5) indicam que embora a correspondência entre as Forças de Carácter com maior

pontuação e as Forças de Carácter com que os jovens mais se identificam não seja linear, existe uma convergência entre os resultados obtidos. O mesmo não se reflecte para as Forças de Carácter com menor pontuação e aquelas com os quais os jovens menos se identificam, apesar de existir alguma convergência entre os resultados obtidos, as diferenças são mais discrepantes.

Tabela 5 - Resultados do Inventário VIA para Jovens

	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D
Força de Carácter com <u>maior</u> pontuação	Vitalidade, entusiasmo	Apreciação pela Beleza (segunda pontuação mais elevada: Humor)	Esperança e Gratidão	Humor (segunda pontuação mais elevada: Integridade)
Força de Carácter com <u>menor</u> pontuação	Liderança (valores seguidamente mais baixos -2.875: criatividade, amor à aprendizagem e curiosidade)	Auto-controlo (valores seguidamente mais baixos -2.625: prudência, criatividade, espiritualidade, honestidade)	Auto-controlo (valor seguidamente mais baixo -2.25: criatividade)	Espiritualidade (valor seguidamente mais baixo -2.625: esperança)
Virtude com <u>maior</u> pontuação	Transcendência	Transcendência	Transcendência	Humanidade
Virtude com <u>menor</u> pontuação	Sabedoria e Conhecimento	Temperança	Temperança	Transcendência

Tabela 6- Opinião Subjectiva da entrevista semi-estruturada

	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D
Força de Carácter com que <u>mais</u> se identifica	Entusiasmo, vitalidade e Integridade	Apreciação pela Beleza e Humor	Esperança, Amor, Amor à aprendizagem e Humildade	Integridade, Criatividade e Equidade
Força de Carácter com que <u>menos</u> se identifica	Criatividade	Espiritualidade	Espiritualidade, perspectiva	Prudência

Em relação aos objectivos relativos à compreensão dos processos e factores promotores e inibidores envolvidos no desenvolvimento das Forças de Carácter em jovens voluntários do Projecto SolSal, para a Força de Carácter *Integridade*, esta foi relatada como uma força que é adquirida ou desenvolvida quando existe uma necessidade de defender os próprios valores que definem o indivíduo, ou seja, quando os valores do indivíduo são colocados em causa, sendo

fortalecida através da lealdade perante esses mesmos valores que representam a pessoa: “(...) quando as pessoas necessitam defender os seus próprios valores, têm que demonstrar integridade, se elas seguirem os seus valores sem se importar com o que os outros pensam está a ser íntegra, e quanto mais se confrontar com situações dessas mais íntegra se torna” (A); um outro participante também acrescenta que o factor idade pode contribuir para o fortalecimento desta força, devido aos indivíduos com idades mais novas não terem os seus valores bem definidos: “(...) não creio que exista um tempo específico, acho que a pessoa vai aprendendo a ficar cada vez mais íntegra, pois enquanto criança a pessoa ainda não está confiante dos seus próprios valores ou não sabe quais eles são, contudo à medida que vai crescendo e se deparando com situações em que tem que se pôr de lado dos seus valores, independentemente do que os outros pensam, a pessoa torna-se mais íntegra e aprende a respeitar-se mais” (D). Como factores promotores desta Força de Carácter foram destacados as figuras de referência e experiências de vida: “acho que têm que aprender a ser íntegros com alguém que o seja, acho que é necessário ter uma boa figura de referência, e as experiências de vida que dão uma certa perspectiva à pessoa para fazer o que está certo” (A), tais resultados vão de acordo com o que já tem vindo a ser referido na literatura, ou seja, de que figuras de referência positivas são importantes para o desenvolvimento do bom carácter (Bandura, 1977; Sprafkin, Liebert, & Poulos 1975), apoiado por Aristóteles que igualmente defende que o carácter resulta da orientação de adultos relativamente às actividades juvenis. Larson (2006) por sua vez refere a importância da experiência para os jovens desenvolverem gradualmente a sua auto-eficácia, bem-estar e participação construtiva na sociedade. Um outro factor promotor da *Integridade* apontado foi a necessidade de estabelecer de uma boa relação com os outros através do respeito: “quando se tenta respeitar os outros, tentar ser o melhor amigo possível, ou filha e respeitar-se a si próprio” (D). Em relação aos factores inibidores da Força de Carácter *Integridade*, foram destacados a falta de auto-confiança e auto-estima e o receio de rejeição dos outros: “(...) não ter respeito por ela própria, importar muito pelo que os outros pensam e ser muito influenciada” (D); “(...) porque se calhar, às vezes, é preciso de ir contra aquilo que os outros pensam e isso pode gerar confusões, pois as pessoas podem levar a mal se recusarmos alguma coisa alguma coisa ou se não quisermos ajudá-la. Acho que têm medo de assumir os valores que têm e aquilo que pensam” (A). Estes resultados são corroborados na literatura, já que segundo Larson (2006) o desejo dos jovens em se integrar e

pertencer num grupo par poderá influenciar a sua lealdade ou não aos seus valores, dependendo do seu nível de auto-confiança e auto-estima.

Para a Força de Carácter *Apreciação pela Beleza*, os relatos indicam que se trata de uma força que é adquirida ou desenvolvida através de uma maior atenção ao detalhe e ao que nos rodeia: “(...)Reparar em pormenores e detalhes e apreciá-los, reparar na ligação das pessoas e pequenos gestos das pessoas faz-nos sentir mais apreciativos” (B). Como factores promotores destacados para esta Força de Carácter foram igualmente as figuras de referência: “(...)ao observar nas monitoras que cantavam para as crianças da instituição, senti uma genuína apreciação por elas, pois elas davam-me inspiração devido à capacidade de transmitir alegria, mesmo em situações adversas” (B). Os factores inibidores destacados, por seu lado, foram a distração: “(...)uma pessoa ser distraída, e ter outras coisas na mente pode impedir de apreciar o momento presente” (B)

Relativamente à Força de Carácter *Humor*, os relatos indicam que se trata de uma força que é adquirida ou desenvolvida através da boa-disposição e capacidade de transformar um momento difícil num momento alegre: “(...)Uma pessoa bem-disposta, consegue tirar partido das situações e conseguir fazer sorrir os outros. Uma pessoa que é confrontada com situações difíceis e aprende a rir-se delas desenvolve melhor o seu sentido de humor, ou seja transforma as coisas sérias em algo divertido” (B). Como factores promotores desta Força de Carácter foram destacados a confrontação com realidades difíceis e capacidade de permanecer optimista: “(...) a minha relação com os miúdos da instituição dava-me momentos divertidos em que era necessário, devido à realidade difícil deles, encontrar o lado positivo” (B). Os factores inibidores apontados foram a depressão: “(...) uma pessoa pode estar um pouco deprimida e mal consigo própria” (B).

No que respeita à Força de Carácter *Gratidão*, os relatos indicam que se trata de uma força que é adquirida ou desenvolvida através do reconhecimento das vantagens em relação aos mais desfavorecidos: “(...)é reconhecendo aquilo que têm e que lhes dão - talvez vendo as pessoas que têm azar e que não tem o que comer, lidar com realidades mais difíceis do que as suas” (C). Como factores promotores desta Força de Carácter foram realçados a confrontação com realidades mais difíceis e a capacidade de se sentir grata com as oportunidades da vida: “(...) por andar neste colégio, sinto grata pelos meus pais porque me deram oportunidades, estudar é uma coisa muito importante e estando num sítio que nos dê condições para estudar

acho que é óptimo. Relativamente ao voluntariado na medida em que olho para as crianças e compreendo os seus problemas e me fazem perceber que tenho que estar grata pela vida que tenho e esperança mais no sentido de que eles tenham uma vida melhor, que quando crescerem consigam ultrapassar os problemas e sejam alguém” (C). Os factores inibidores apontados foram o desamparo e o excesso de bens: “(...)se ninguém fizer nada por nós ou quando as pessoas têm em excesso e não sabe apreciar e não dá valor” (C)

Relativamente à Força de Carácter *Esperança*, os relatos indicam que se trata de uma força que é adquirida ou desenvolvida através da motivação na comparação com pessoas bem-sucedidas: “(...) ter um objectivo para que lutar e quando vemos pessoas a concretizarem sonhos, pensamos que também podemos ser capazes, porque não” (C). Como factores promotores desta Força de Carácter foram destacados a crença no sucesso e atitude optimista face à adversidade: “(...) muitas vezes na escola quando estou mais em baixo, por exemplo a matemática, não era boa a matemática, mas tinha que pensar “eu tenho que conseguir, eu vou conseguir”, e assim consegui superar obstáculos. No voluntariado quando vejo atrás dos problemas a alegria das crianças, sinto-me com esperança pelo seu futuro.” (C) Os factores inibidores apontados foram a dimensão dos obstáculos, ou seja, se a capacidade é menor do que a dificuldade apresentada: “(...) é ter grandes obstáculos e não ter capacidade de os superar” (C).

Quanto à Força de Carácter *Criatividade*, os relatos indicam que se trata de uma força que é adquirida ou desenvolvida através da concepção e exploração de alternativas: “(...) talvez olhando de uma forma diferente, olhar para uma situação e criar outra, tentar arranjar maneiras diferentes para fazer as coisas” (D). Como factores promotores desta Força de Carácter foram destacados os momentos em que o plano original falha e é necessário recorrer a um plano alternativo: “(...) momentos do voluntariado, em que era necessário criar actividades com as crianças. Por vezes as actividades não corriam da forma como gostaríamos que corressem e essas situações forçava-nos a pensar em planos alternativos” (D). Relativamente aos factores inibidores apontados, estes foram a falta de atenção ou de ideias: “(...) não creio que é algo que seja difícil de ser, a não ser se for uma pessoa mais desatenta e com falta de ideias” (D).

De forma a descrever o processo, factores promotores e inibidores das Forças Carácter de Carácter acima mencionadas, todos os voluntários do Projecto SolSal recorreram a exemplos concretos do voluntariado. Tal aspecto indica que existe de facto uma riqueza de experiências que são fornecidas pelas actividades do voluntariado, no qual decorre o fortalecimento das suas

Forças de Carácter. No entanto, há também que considerar que a forma de como estes experienciam o fortalecimento das Forças de Carácter trata-se de um processo bastante pessoal e baseado na sua experiência subjectiva.

No que respeita às principais influências destacadas pelos voluntários relativamente ao fortalecimento e desenvolvimento das suas Forças de Carácter, estes consideram a importância das figuras de referência; dos grupos par e dos pais. Estes resultados vão de encontro com o que tem sido referido na literatura. Radke-Yarrow, Zahn-Waxler e Chapman (1983) afirmam que os comportamentos pró-sociais como a partilha, a ajuda, e ser um bom elemento de equipa pode ser facilitado através da modelagem e fortalecido através de um reforço apropriado; Birch e Billman (1986) defendem que à medida que o indivíduo vai avançando na idade, os grupos pares passam a desempenhar um papel mais importante no jovem; e Damon (1988), por seu lado, confirma que os pais vão desempenhar um papel crucial no desenvolvimento de carácter nas crianças e que do mesmo modo, diferentes estilos parentais estão relacionados com vários aspectos do desenvolvimento positivo e negativo da criança.

Uma das influências que seria de esperar para o fortalecimento e desenvolvimento das Forças de Carácter dos Jovens Voluntários do Projecto SolSal é a Religião, sobretudo por se tratar de um Projecto com base em valores cristãos e promovido por um Colégio de cariz católico. Para além disso a *Espiritualidade* também tem sido associada a taxas mais elevadas de comportamentos pró-sociais na adolescência (Hardy & Carlo, 2005), o que pode levar a considerar uma possível relação da espiritualidade e o desenvolvimento das Forças de Carácter. No entanto, os resultados demonstram que a maioria dos voluntários inquiridos não consideram que a religião tem alguma influência no desenvolvimento das suas forças, apesar de alguns referirem que possivelmente terá tido quando eram mais novos: “(...) acho que a religião é importante no início das nossas vidas, quando éramos mais pequenos para uma orientação, a partir daí somos mais íntegros, mas a religião ajuda” (A); “(...) acho que não é a religião que permite as pessoas desenvolverem forças de carácter, creio que uma pessoa que apenas tenta desenvolver Forças de Carácter para a sua salvação é uma pessoa egoísta” (B); “(...) acho que a religião não influencia no desenvolvimento das forças de carácter, mas são as experiências de vida que vamos tendo, independentemente da religião” (C). Um dos participantes contudo acredita na influência que a religião poderá ter tido no desenvolvimento das suas Forças de Carácter, apesar de não ser visível: “(...) acho que esse papel não é visível, mas tenho a certeza

que teve algum impacto, mas qual foi e que de maneira foi não sei explicar. Tanto pelos próprios valores da igreja católica, tínhamos o bom dia, as festas, e acho que de certa força acaba por nos influenciar, incutir essas Forças de Carácter, assim como também o próprio espírito da escola” (D). Importa, no entanto, constatar que a falta de afiliação a uma determinada religião por de parte de metade dos participantes (ver tabela1) poderá ter influenciado de grande forma os resultados.

Compreender a relação entre as Forças de Carácter e o Voluntariado é um processo complexo e não linear, contudo através de alguns dos dados obtidos nas entrevistas é possível inferir algumas interpretações relativamente a esta relação. As Forças de Carácter que tiveram uma maior pontuação no Inventário VIA para Jovens foram a *Gratidão*, a *Cidadania*, a *Apreciação Pela Beleza*, o *Humor* e a *Esperança*, o que indica que poderão ser as Forças mais fortalecidas nos Jovens voluntários do Projecto SolSal. No entanto, com base na opinião subjectiva dos participantes da entrevista, as Forças de Carácter que estes consideram estar mais directamente associadas ao voluntariado são o *Amor*, opinião esta partilhada pela maioria dos participantes e ainda a *Persistência*, o *Entusiasmo*, a *Bondade* e a *Criatividade*.

Relativamente às motivações que levaram os participantes a inscreverem-se no voluntariado, destacam-se as figuras de referência: “ (...) foi através do Professor Manuel (coordenador do Projecto) que tive acesso ao Projecto SolSal. Eu conhecia as iniciativas do professor e respeito-o bastante portanto decidi-me inscrever” (A); “(...) se não tivesse sido através do Projecto SolSal provavelmente não teria participado no voluntariado, já que estas actividades não são lá muito bem divulgadas” (D). Outras motivações a destacar são a curiosidade: “(...) conhecer novas realidades e pessoas” (A); o altruísmo ou bondade: “(...) querer ajudar as pessoas” (A); “Porque gosto de ajudar os outros, e sinto-me gratificada já que não é necessário dar muito para crescer como pessoa.” (B); “Para poder fornecer algo às pessoas e também porque gosto que as pessoas se sintam bem.” (C); “(...) porque gosto de ajudar” (D); e para benefício próprio: “(...) também promover o meu desenvolvimento pessoal e social.”

Estes resultados reafirmam a noção de que a Força de Carácter *Bondade* poderá estar directamente associada ao factor motivador para o Voluntariado. Seria interessante também relacionar as Forças de Carácter que levaram os jovens a participar no voluntariado e as Forças de Carácter que tiveram uma pontuação mais elevada nos Inventários VIA para Jovens, para verificar se estas coincidem. No caso dos resultados obtidos para os voluntários do Projecto

SolSal, as forças não coincidem, o que sugere a presença de Forças de Carácter diferentes para a motivação na participação do voluntariado, e as que mais prevalecem na personalidade dos voluntários.

Relativamente à questão se as características das actividades de voluntariado permitem o fortalecimento e desenvolvimento das Forças de Carácter, através dos dados obtidos verifica-se que o voluntariado é percebido pelos voluntários como um agente de fortalecimento das Forças de Carácter: “Após a minha actividade de voluntariado considero que saio mais fortalecido, porque sinto-me melhor comigo mesmo e com os meus valores, tive a oportunidade de os aplicar e o facto de me ter permanecido fiel aos mesmos ajudou-me a ter algum sentido de confiança nos mesmos” (A); “No princípio talvez tenha sido a força de carácter que me levou a inscrever-me no voluntariado, mas o voluntariado fortaleceu-a. Senti diferença, fui para instituição, deparei-me com uma situação nova, acho que me ajudou para que o Humor se tornasse mais evidente, brincando com os miúdos ” (B); “Sim, creio que por si só estas forças já estão muito relacionadas com o voluntariado, contudo através do voluntariado foi possível aperceber de realidades mais duras que a minha e nesse sentido senti mais grata por aquilo que tenho e que me é oferecido. Através do voluntariado também senti esperança, na medida em que ao ver as crianças nas situações difíceis em que estão, desenvolvi uma esperança de que estas no futuro tenham uma vida melhor. Pois é necessário ter esperança para trabalhar em situações tão difíceis e mesmo assim tentar transmitir alegria.” (C); “Acho que a integridade é algo que fui desenvolvendo ao longo dos anos e que considero que faz parte de mim portanto não foi tão visível o impacto do voluntariado, a criatividade por outro lado acho que desenvolvi bastante no voluntariado e fortaleci, uma vez que existiram vários momentos que exigiram essa necessidade de ser criativa. Também acho que desenvolvi mais outras Forças de Carácter, como a paciência, com as crianças a saltar de um lado para o outro, tínhamos que acalmá-los e tivemos que desenvolver a persistência, para aguentar aquela hora com os miúdos, porque não tinham respeito por nós” (D).

Por último de forma a compreender qual relação das Forças de Carácter e a promoção do bem-estar subjectivo, os participantes foram questionados relativamente ao propósito das Forças de Carácter para a sua vida e de que forma é útil para eles, de que forma influenciam as suas relações com os outros e quais emoções estão associadas a essas Forças de Carácter. Os dados revelam que as forças de carácter permitem-lhes dar um propósito para a vida: “Porque me faz

me sentir completo, faz-me sentir bem comigo mesmo, ainda bem que tenho esses valores, porque acho que são importantes para uma pessoa ter algum sentido na vida” (A); “Humor acho que é sempre bom para ver a situação pelo lado positivo e para ser possível ajudar os outros; A apreciação pela beleza se calhar permite-me compreender melhor as pessoas, as intenções das pessoas e perceber se essas pessoas gostam de mim ou não.” (B); “(..) por que eu aprecio e estou grata pelas oportunidades, forço a fazer um maior esforço nos meus estudos que me permitem ter um maior sucesso na vida.” (C); “a criatividade permitiu experienciar as coisas de maneira diferente e tentar fazer as coisas de maneira diferente, ser original. E a integridade foi importante pois fez com que respeita-se os outros, mas antes disso tenho que respeitar-me a mim própria, não deixar que os outros afectem a minha personalidade.” (D).

As Forças de Carácter também são consideradas pelos voluntários como promotoras de relações positivas com os outros: “ quando existe integridade, cria-se uma confiança entre as pessoas” (A); “ creio que rir é essencial em qualquer relação, ajuda a aproximar as pessoas, as pessoas sentem-se mais descontraídas” (B); “Creio que ajudou a tornar a relação melhor, pelo menos com os meus pais – uma vez que eles sentem que eu lhes dou valor aquilo que me oferecem, assim como também com as crianças da instituição, ao transmitir esperança e alegria a facilitou a relação e tornou-a mais positiva, já que em vez de sentir pena delas, transmiti que tinha fé nelas e na sua capacidade para ultrapassar problemas. ” (C); “Na medida em que ao existir respeito é possível uma melhor relação com as pessoas” (D). Relativamente às emoções associadas estas demonstram ser positivas: “Satisfação, felicidade” (A); “através da apreciação da Beleza sinto satisfação, pois consigo dar atenção a certos detalhes que por vezes passam despercebidos e através do humor sinto felicidade, alegria, satisfação” (B); “Força de vontade para executar actividades” (C); “Satisfação, como se estivesse completa, realizada – ter um sentido de propósito, sinto-me bem comigo própria.” (D). A presença de um propósito de vida (capacidade de encontrar significado nos eventos presentes conectando-os com resultados futuros, assim como também ter uma sensação de sucesso subjectivo, que é alcançado através do conhecimento das nossas maiores forças), emoções positivas (experiência de prazer e satisfação alcançada através das actividades levadas a cabo) e florescimento de relações positivas são considerados os ingredientes essenciais para garantir o bem-estar do indivíduo, sendo que Seligman (2008, p.5) considera o bem-estar como uma das melhores armas contra a perturbação mental.

IV - CONCLUSÕES

A presente investigação, por se tratar de um estudo caso de uma situação particular, isto é, o estudo das Forças de Carácter nos jovens voluntários do Projecto SolSal, pretendeu sobretudo ser um exploratório e descritivo, sem pretender generalizar resultados. O principal objectivo do estudo prendeu-se no aprofundamento da compreensão dos processos envolvidos e natureza da relação das Forças de Carácter e o voluntariado, neste caso específico promovido pelo Projecto SolSal.

Algumas das conclusões que se podem retirar do presente estudo são de que as Forças de Carácter apontadas como mais fortemente associadas aos voluntários do Projecto SolSal demonstram ser: a *Gratidão*, a *Cidadania*, a *Apreciação Pela Beleza*, o *Humor* e a *Esperança*. Através dos resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturas, é revelado que os voluntários definem Forças de Carácter como uma inclinação para a acção, que comporta uma conotação positiva. Noção esta, que vai de acordo com o proposto na literatura, o que revela um bom entendimento geral do conceito “Forças de Carácter” pelos jovens voluntários do Projecto SolSal. No que diz respeito à concordância dos resultados obtidos no Inventário VIA para Jovens e a opinião subjectiva dos participantes, esta concordância é elevada para as Forças de Carácter com maior pontuação e menos elevada para as Forças de Carácter com menor pontuação.

Ainda relativamente aos processos envolvidos no desenvolvimento ou fortalecimento das Forças de Carácter nos Jovens voluntários do Projecto SolSal, assim como também os factores promotores e inibidores dessas forças, os resultados indicam que os jovens conseguem identificar momentos do voluntariado para descrever esses processos e factores promotores, sendo que relativamente aos factores inibidores associam quase sempre às características do próprio indivíduo. Quanto às influências referidas pelos jovens voluntários para as suas Forças de Carácter, são elas as figuras de referências, os grupos pares e os pais, tendo a religião sido colocada de parte enquanto influência, provavelmente devido à ausência de qualquer afiliação religiosa por de parte de alguns voluntários.

As Forças de Carácter que os jovens voluntários do Projecto SolSal associam como essenciais ao voluntariado são: o *Amor*, e ainda a *Persistência*, o *Entusiasmo*, a *Bondade* e a *Criatividade*. Curiosamente estas Forças de Carácter não vão corresponder às suas forças identificadas no Inventário. Contudo quando questionados sobre as motivações que os levaram a participar no voluntariado existe uma maior relação das forças relatadas como essenciais aos

voluntários e essas motivações (ex: *Bondade*). Tais resultados sugerem que se torna necessário estabelecer em investigações futuras uma diferença entre as forças que estão associadas e motivam o voluntariado e as forças que se desenvolvem através do voluntariado.

Em relação às próprias Forças de Carácter com as quais os jovens voluntários do Projecto SolSal mais se identificam, os resultados sugerem o voluntariado como um factor promotor destas forças, existindo uma associação do bem-estar subjectivo a essas mesmas forças. Tais resultados também indicam que o voluntariado funciona como promotor do desenvolvimento positivo do jovem, permitindo assim o fortalecimento das Forças de Carácter.

Limitações e Sugestões

O facto de se ter tratado de um estudo de caso, apesar de ter permitido uma verificação completa e profunda dos processos envolvidos na relação das Forças de Carácter e voluntariado, caracteriza-se por estar limitado à situação estudada, ou seja, limitada aos voluntários do Projecto SolSal que participaram no estudo, não permitindo a generalização plena de seus resultados e conclusões para outras actividades de voluntariado. Um estudo realizado em outras instituições que promovam o voluntariado, assim como a comparação com outros grupos que não praticam voluntariado contribuiria certamente para uma melhor e mais aprofundada compreensão do fenómeno em estudo. Uma outra limitação refere-se ainda à falta de experiência da entrevistadora, não só na utilização da entrevista, como também na recolha de dados e análise de conteúdo.

Também como limitação do estudo está relacionada a natureza da temática, uma vez que existem dificuldades na conceptualização das Forças de Carácter, e por se tratar de um estudo muito recente, existem também poucas evidências empíricas. Ainda, relativamente ao próprio Manual de Classificação VIA, no qual se baseia o Inventário VIA para Jovens, este tem sido alvo de críticas, entre as quais Rand e Shorey (2005) criticam as afirmações de Peterson e Seligman de que lhe falta de teoria, quando segundo os autores é possível constatar a influência da teoria em todo o seu trabalho, nomeadamente quando se é informado de que a classificação é baseada fortemente no sistema de Lineu. Um outro aspecto identificado por Rand e Shorey (2005) é o facto de faltar no Manual uma discussão de possíveis localizações físicas das Forças de Carácter identificadas, ou seja, que reacções fisiológicas provocam cada uma das Forças de Carácter. Os autores também identificaram algumas confusões conceptuais, nomeadamente relativo à

definição do conceito de *Amor*, que parece estar apenas relacionada com base na vinculação segura do adulto nas ligações românticas. Os autores argumentam ainda que uma pessoa pode apresentar um estilo de vinculação seguro e no entanto não estar inclinado fisicamente de uma forma afectuosa ou apaixonado por alguém. Neste sentido propõem em vez da utilização do conceito “Amor”, a utilização do conceito "Segurança Interpessoal". Um outro exemplo de confusão conceptual destacado pelos autores, diz respeito ao capítulo da "Esperança", pois consideram que Peterson e Seligman confundem Esperança com Optimismo, sendo que estes dois conceitos têm definições operacionais diferentes e que embora possam ser semelhantes, vários estudos concluíram que eles não são o mesmo.

Outras questões também colocadas pelos autores são por exemplo: de que forma as Forças de Carácter se relacionam com as características da personalidade em geral? E se existem casos em que a própria Força se pode tornar numa Fraqueza? Todas estas questões tornam-se pertinentes para investigações futuras, assim como também compreender qual a natureza da relação entre Forças de Carácter e o Voluntariado, se esta é bidireccional ou unidireccional.

Apesar de todos estes aspectos destacados na reflexão, convém no entanto, constatar que esta se trata de uma área de estudo ainda bastante recente e pioneira em termos de investigação, pelo que existe um pobre corpo teórico que integre os vários conceitos fundamentais relativos ao bom carácter e à promoção do mesmo, sendo necessário que seja feito um maior esforço nesse sentido.

Pode-se no entanto constatar através desta investigação que o voluntariado tem o potencial de se constituir como um factor promotor das Forças de Carácter e do desenvolvimento positivo da juventude, assim como também do bem-estar do jovem tendo, por tal, implicações em termos clínicos. Deste modo faria sentido considerar uma maior promoção do voluntariado dentro da população juvenil, assim como também a utilização do Inventário VIA como inquérito de pré-selecção de voluntários em termos de adequação, perante as exigências de diferentes tarefas do voluntariado.

BIBLIOGRAFIA

Allen, J.P., Philliber, S., & Hoggson, N. (1990). School-based prevention of teenage pregnancy and school dropout: Process evaluation of the national replication of the Teen Outreach Program. *American Journal of Community Psychology*, 8, 505–524.

Allen, J.P., Porter, M.R. & McFarland, F.C. (2006). Leaders and followers in adolescent close friendships: Susceptibility to peer influence as a predictor of risky behavior, friendship instability and depression. *Journal of Developmental Psychopathology*, 18, 155-172.

Ayduk, O., Mendoza-Denton, R., Mischel, W., Downey, G., Peake, P.K. & Rodriguez, M. (2000). Regulating the interpersonal self: strategies self-regulation for coping with rejection sensitivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 776-792.

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Bardin, L. (2004) *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Ed.70.

Baumrind, D. (1998). Reflections on character and competence. In A. Colby, J. James, & D. Hart (Eds.), *Competence and character through life* (pp.1–28). Chicago: The University of Chicago Press.

Berkowitz, M. W. (2002). The science of character education. In W. Damon(ed). *Bringing in a New Era in Character Education* (pp.43-63). Stanford: Hoover Institute Press.

Benard, B. (2004). *Resiliency, what we have learned*. Oakland: West Ed Pub.

Birch, L. L. & Billman, J. (1986). Preschool childrens food sharing with friends and acquaintances. *Child Development*, 57, 387-395.

Blau, J.R. & Stearns, E. (2002). Adolescent integrity: Race and ethnic differences. *Critical Sociology*, 28,145-167.

Brdar, B. & Kashdan, T. (2009). Character strengths and well-being in Croatia: An empirical investigation of structure and correlates. *Journal of Research in Personality*, 44(1), 151-154.

Carr, A. (2004). *Positive psychology: The science of happiness and human strengths*. USA: Brunner- Routledge.

Conrad, D. and Hedin, D. (1981). *National assessment of experiential education: Final report*. St. Paul, MN: Center for Youth Development and Research, University of Minnesota.

Conrad, D., & Hedin, D. (eds) (1982). *Youth participation & experiential education*. New York, NY: The Haworth Press

Creswell, J. W. 2003. *Research Design: Quantitative, Qualitative, and Mixed Methods Approaches*. SAGE. Thousand Oaks. USA

Dunn, J. (1988). *The beginnings of social understanding*. Cambridge, MA: Harvard University Press

Erickson, S. J., & Feldstein, S. W. (2007). Adolescent humor and its relationship to coping, defense strategies, psychological distress, and well being. *Child Psychiatry and Human Development*, 37 (3), 255-271.

Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência

Froh, J.J., Miller, D.N. & Snyder, S.F. (2007). Gratitude in children and adolescents: Development, assessment and school based intervention. *Research in Practice*, 2,1-13.

Gardner, H., Csikszentmihalyi, M., & Damon, W. (2001). *Good Work: When excellence and ethics meet*. New York: Basic Books.

Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. London: Bloomsbury.

Hanson, L.J. (1997). *The study of creativity in adolescence as related to ego development and parental attachment*.

Hardy, S.A. & Carlo, G. (2005). Religiosity and prosocial behaviors in adolescence: The mediating role of prosocial values. *Journal of Moral Education*, 34, 231-249.

Keating, D. (2004). Cognitive and brain development. In R.M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology*. (pp. 45–84). New York: John Wiley & Sons.

Kohn, A. (1997). How not to teach values: A critical look at character education. Em *Studies in Moral Development and Education Home Page*

Konwerski, P. A., & Nashman H. W. (2008). Philanthropy: a benefit for personnel and organisations managing volunteers (volunteer therapy).

Larson, R. (2000). Toward a Psychology of Positive youth development. *American Psychologist*, 55, 1, 170-183.

Larson, R. (2006). Positive youth development, willful adolescents, and mentoring. *Journal of community psychology*, 24, 677-689.

Levine, M., & Perkins, D. V. (1987). *Principles of community psychology: Perspectives and applications*. New York : Oxford University Press. Harison, 1987

Londerville, S. and Main, M. (1981). Security of attachment, compliance, and maternal training methods in the second year of life. *Developmental Psychology*, 17, 289-299.

Macdonald, Bore & Munro. (2008). Values in action scale and the Big 5: An empirical indication of structure. *Journal of Research in Personality*, 42, 787–799.

McMahon, S.D., Wernsman, J. & Parnes, A.L. (2006). Understanding prosocial behavior: the impact of empathy and gender among African American adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 39, 135-137.

Markstrom, C.A., Li, X., Blackshire, S.L. & Wilfong, J.J. (2005). Ego strength development of adolescents involved in adult sponsored structured activities. *Journal of Youth and Adolescence*. 34, 85-95

Matt hews, K. A., Batson, C. D., Horn, J., & Rosenman, R. H. (1981). Principles in his nature which interest him in the fortune of others: The heritability of empathic concern for others. *Journal of Personality*, 49, 237-247.

Maudsley, H. (1898). *Responsibility in mental disease*. New York: Appleton and Company.

Mershart, M. (2004). *The adolescent self and therapeutic communication: An integrated approach for treatment*. Retirado da internet a 23 de junho de 2010: http://www.luc.edu/socialwork/praxis/pdfs/vol4_chapter1.pdf

Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32

Moshman, D. (1998). Cognitive development beyond childhood. In D. Kuhn & R.S. Siegler (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol 2. Cognition, perception, and language*. (pp.947–978). New York: John Wiley & Sons.

Newmann, F. M., & Rutter, R. A. (1983). *The effects of high school community service programs on students' social development: Final report*. Madison, WI: University of Wisconsin, Wisconsin Center for Educational Research.

Nist, S.L. & Kirby, K. (1989). The text marking patterns of college students. *Reading Psychology: An International Quarterly*, 10, 321-338.

Omoto, A. M., & Snyder, M. (1990). Basic research in action: Volunteerism and society's response to AIDS. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 16, 152-165.

Park, N. (2004). *Character strengths and positive youth development*. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591, 40-54.

Park, N., & Peterson, C. (2006a). Character strengths and happiness among young children: Content analysis of parental descriptions. *Journal of Happiness Studies*, 7(3), 323-341.

Park, N. & Peterson, C. (2006b). Moral competence and character strengths among adolescents: The development and validation of the values in action inventory of strengths for youth. *Journal of Adolescence*, 29, 891-909.

Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Strengths of character and well-being*. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(5), 603-619.

Peterson C., & Park, N. (2006). Character strengths in organizations. *Journal of Organizational Behavior*, 27, 1-6.

Peterson C., & Park, N. (2009). Character strengths in organizations. *Journal of College and Character*, V X, 4

Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. New York: Oxford.

Quivy R., & Campenhoudt, L. (1988). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Radke-Yarrow, M., Zahn-Waxler, C. e Chapman, M. (1983). Children's prosocial disposition and behavior. In H. Mussen (Org.) *Handbook of Child Psychology. Socialization, Personality and Social Development*, (Vol. 4, 469-545). New York: Wiley

Rand, K. L. e Shorey, H. S. (2005). [Review of the book *Character strengths and virtues: A handbook of classification*, by Peterson, C., & Seligman, M.E.P. (2004)] *The clinical Psychologist*, 58 (3), 30-31.

Rappaport, J. (1987) Terms of empowerment/Exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15(2): 121-148.

Roehlkepartain, E.C. (2004). Exploring the scientific and theological perspectives on children's spirituality. In D. Ratcliff (Ed.), *Children's spirituality: Christian perspectives, research and applications* (pp.205-213).Eugene: Cascades Books.

Seligman, M.E.P & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.

Seligman, M.E.P. (2002). *Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment*. New York: Free Press

Seligman, M.E.P. (2008), 'Positive Health', *Applied Psychology: An International Review*, 57, 3-18, International Association of Applied Psychology, Oxford, UK.

Selltiz, C., Wrightsman, L. S. and Cook, S. W. (1976). *Research Methods in Social Relations* (3rd ed.). Holt, Rinehart Winston, New York

Site Voluntariado, art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro
Acedido a 30/05/2010, em <http://www.voluntariado.pt/left.asp?02.01>

Snyder, M. (1993). Basic research and practical problems: The promise of a "functional" personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, 251-264.

Snyder, CR, & Lopez, SJ (2007) *Positive psychology: The scientific and practical explorations of human strengths*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Sprafkin, J. H., Liebert, R. M., & Poulos, R. W. (1975). Effects of a prosocial televised example on children's helping. *Journal of Experimental Child Psychology*, 20, 119-126.

Weber, J. (2006). *Virtue, Character and Situation*. *Journal of Moral Philosophy*, 3,2: 193-213.

Wilson, J. (2000). *Volunteering*. *Annu. Rev.Sociol*, 26, 215-40

Wolman, B.B.(1998). *Adolescence: Biological and psychosocial perspectives*. USA: Greenwood Press.

Valle, M.F., Huebner, E.S. & Suldo, S.M. (2006). An analysis of hope as a psychological strength. *Journal of School Psychology*, 44,393-406.

Zahn-Waxler, C., Robinson, J. L., & Emde, R. N. (1992). The development of empathy in twins. *Developmental Psychology*, 28, 1038-1047

Anexos

Anexo I – Classificação das Forças de Carácter

Anexo II - Guião da Entrevista

Anexo III – Esclarecimento sobre a Investigação

Anexo IV – Autorização para a investigação do Colégio dos Salesianos

Anexo V - Autorização dos Encarregados de Educação

Anexo VI – Análise descritiva dos resultados do Inventário VIA

Anexo VII - Análise de Conteúdo das Entrevistas

Anexo I

Anexo I - Classificação das Forças de Carácter

Apreciação da beleza e reverência (excelência, encanto, elevação) : Reparar e apreciar a beleza, a excelência, e / ou desempenho hábil em todos os domínios da vida, desde a natureza à arte, à matemática, à ciência e à experiência quotidiana.

Bravura (valor) : Não fugir à ameaça, desafio, dificuldade ou dor, defender o que está certo, mesmo que exista oposição, agir com convicções mesmo que não sejam populares, inclui coragem física mas não se limita a ela.

Cidadania (responsabilidade social, lealdade, trabalho de equipa) : Desempenhar um bom trabalho como um membro de um grupo ou equipa, sendo leal ao grupo; fazendo a sua porção de responsabilidade.

Criatividade (originalidade, ingenuidade): Pensar em formas novas e produtivas de realizar actividades. Inclui conquista artística, mas não se limita a ela.

Curiosidade (interesse, busca por novidades, abertura à experiência): interesse em toda a experiência em curso; considerar todas as disciplinas e temas fascinantes, capacidade de explorar e descobrir.

Equidade: tratar todas as pessoas da mesma forma, de acordo com as noções de equidade e de justiça, não deixando sentimentos pessoais enviesar as decisões que fazemos sobre os outros, dando a todos uma oportunidade justa.

Perdão e misericórdia: Perdoar aqueles que nos fizeram mal, dando às pessoas uma segunda oportunidade, não ser vingativo.

Gratidão: Estar consciente e grato pelas coisas boas que nos acontecem, dando tempo para expressar esse agradecimento.

Esperança (otimismo, mentalidade e orientação para o futuro): Esperando o melhor para o futuro e trabalhar para alcançá-lo, acreditando que um bom futuro é algo que pode ser provocado.

Humor (brincadeira) : gostar de rir e brincar, trazer sorrisos às outras pessoas, ver o lado bom; fazer (e não necessariamente dizer) piadas.

Integridade (autenticidade, honestidade) : Dizer a verdade, mas de forma mais ampla apresentar-se de uma forma verdadeira, sem pretensão, assumindo a responsabilidade pelos seus sentimentos e acções.

Julgamento (mente aberta, pensamento crítico): Pensar em coisas e examiná-las de todos os lados, não tirar conclusões precipitadas, sendo capaz de mudar a mente, à luz das provas; pesar todas as evidências de forma justa.

Bondade (generosidade, cuidado, compaixão, amor altruísta, gentileza): Fazer favores e boas ações para os outros, ajudando-os, cuidando deles.

Liderança: Incentivar o grupo do qual um é um membro para levar a cabo tarefas, ao mesmo tempo em que mantém boas relações dentro do grupo, organizando atividades de grupo.

Amor: Valorização de relações estreitas com os outros, nomeadamente aqueles em que a partilha e carinho são retribuídos; estar perto de pessoas.

Amor pela aprendizagem: dominar novas habilidades, os tópicos e corpos de conhecimento, quer sobre a si próprio ou doutras áreas, obviamente, relacionada com a força da curiosidade

Modéstia e humildade: Deixar as suas realizações falarem por si, não procurar ser o centro das atenções; não considerar-se ser mais especial do que é.

Persistência (perseverança, industrialidade): Terminar o que inicia, persistindo no curso de ação apesar dos obstáculos, prazer em completar tarefas.

Perspectiva (sabedoria): Ser capaz de fornecer conselhos sábios para os outros; formas de olhar para o mundo que façam sentido para si e para outras pessoas.

Prudência: ser cuidadoso com as suas escolhas, não correr riscos indevidos; não fazer ou dizer coisas que podem mais tarde ser lamentadas.

Auto-regulação (auto-controlo): Regulação do que se sente e faz, ser disciplinado, ter controlo dos seus impulsos e emoções.

Inteligência Social (inteligência emocional, inteligência pessoal): Estar ciente dos motivos e sentimentos de outras pessoas e de si mesmo, sabendo o que fazer para se integrar em diferentes situações sociais;

Espiritualidade (religiosidade, fé, propósito): Ter crenças coerentes sobre o propósito mais elevado e sentido do universo, sabendo onde se integra dentro do esquema mais amplo, ter crenças sobre o sentido da vida.

Entusiasmo (vitalidade, vigor, energia): Encarar a vida com entusiasmo e energia, não realizando actividades ou participando no meio sem entusiasmo; viver a vida como uma aventura, sentindo-se vivo e activo.

Anexo II

Guião e Objectivos da Entrevista

Blocos Temáticos	Objectivos Gerais	Orientações para perguntas	Observações
A- Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	Apresentação Informar os entrevistados sobre as finalidades gerais da investigação	Explicar os objectivos da investigação e da entrevista Fornecer informação sobre a finalidade, os conteúdos e a duração da entrevista Referir o contexto da investigação, explicitar blocos temáticos e metodologias	
	Ter em conta os aspectos éticos e deontológicos	Agradecimento Garantir a confidencialidade das respostas e o anonimato dos entrevistados Informar sobre o direito a não dar resposta Valorizar o contributo dos entrevistados motivando-os para a participação na investigação	
B – Dados Sócio demográficos	Caracterizar a amostra	Data e local de nascimento Nível de Escolaridade Nacionalidade Coabitação Religião Tipo de Voluntariado	

<p>C – Percepção da força de carácter</p>	<p>Compreender a percepção que os voluntários têm relativamente às suas Forças de Carácter</p>	<p>Define e descreve o que significa para ti força de carácter?</p> <p>Tendo em conta a Força de Carácter identificada no inventário, é uma força de carácter que consideras possuir?</p> <p>Se não qual a força com a qual te identificas mais?</p> <p><i>(Criatividade, Curiosidade, Amor à Aprendizagem, Perspectiva, Bravura, Persistência, Integridade, Vitalidade, Entusiasmo, Amor, Bondade, Inteligência Social, Cidadania, Liderança, Equidade, Perdão e Misericórdia, Humildade, Prudência, Auto-controlo, Apreciação pela Beleza e Excelência, Gratidão, Esperança, Humor, Espiritualidade?)</i></p> <p>A que menos te corresponde</p>	
	<p>Compreender a utilidade das Forças de Carácter</p>	<p>Vamos tentar chegar à definição do que significa ser uma pessoa com a tua força de Carácter?</p> <p>Podes dar o exemplo de um tempo na tua vida quando precisaste de utilizar a tua força de Carácter?</p>	

<p>D – Influências</p>	<p>Identificar influências para o desenvolvimento das Forças de Carácter em Jovens voluntários</p>	<p>Podes dar um exemplo de alguém que expressa a tua força de Carácter:</p> <p>Como é que essas pessoas são:</p> <p>Que forças de carácter sobressaem nos teus colegas em geral/amigos próximos?</p> <p>E nos teus pais?</p> <p>Que forças de carácter é que consideras que a religião promove?</p>	
<p>E – Desenvolvimento e utilização da força de carácter no voluntariado</p>	<p>Compreender os processos envolvidos no desenvolvimento das Forças de Carácter em Jovens voluntários</p> <p>Identificar os factores promotores e inibidores do desenvolvimento das Forças de Carácter em Jovens voluntários</p> <p>Compreender a relação das Forças de Carácter e o voluntariado</p>	<p>Como consideras que as pessoas se tornam mais_____ (Força de Carácter)?</p> <p>Que momento da experiência do voluntariado em que foi útil ser_____ (Força de Carácter)?</p> <p>Porquê?</p> <p>Podes exemplificar com uma situação que já tenhas vivido?</p>	

		<p>O que impede de demonstrar a tua força de carácter?</p> <p>O que te motivou a aderir ao Voluntariado?</p> <p>Que influências tive o Projecto SolSal nessa decisão?</p> <p>Quais as forças de carácter que consideras serem importantes para o voluntariado?</p> <p>Consideras que existe diferenças na tua força de carácter antes e após voluntariado? De que forma?</p>	
F - Força de Carácter e o conceito de bem-estar subjectivo	Compreender a relação das Forças de Carácter e a promoção do bem-estar subjectivo	<p>Explica a forma de como é que a força de carácter com que te identificas é útil para a tua vida?</p> <p>De que forma ser_____ (Força de Carácter) influenciou a tua relação com os outros?</p> <p>Que tipo de emoções experiencias quando expressas essa força de carácter?</p>	
G - Conclusão	Agradecimentos		

Anexo III

Anexo II – Esclarecimento sobre a Investigação

Está a ser levado a cabo um estudo no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, do Núcleo de Sistémica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que tem como objectivo estudar o desenvolvimento de forças de carácter nos jovens ao longo das suas actividades no voluntariado e neste caso específico os contributos do Projecto SolSal como força promotora dessas mesmas actividades.

De forma a poder recolher dados importantes e necessários para a investigação, vários voluntários do Projecto SolSal, após a sua conclusão de um ano lectivo de actividades de voluntariado em instituições parceiras aos projecto, foram convidados para realizar uma entrevista que durará em média 30 a 40 minutos.

Inicialmente será informado os objectivos e conteúdos da entrevista, sendo que será respeitado o seu direito à não resposta e à confidencialidade. Caso necessitar poderá esclarecer qualquer dúvida que apareça ao longo da entrevista. Inicialmente irei solicitar dados biográficos, e ao longo da entrevista abordarei vários tópicos entre os quais:

- Percepção da força de carácter
- Desenvolvimento e a utilização da força de carácter no voluntariado
- Influências para o desenvolvimento da força de carácter
- Força de Carácter e o conceito de bem-estar subjectivo

Através da sua participação neste estudo está a contribuir para o avanço na ciência, e deste modo permitir um possível desenvolvimento na área do voluntariado.

Desde já agradeço o tempo disponibilizado e a sua colaboração

Anexo IV

Minuta de Autorização para a Realização de uma Investigação no Âmbito do Projecto SolSal

Declaração

José Pissara Moraes, Director Pedagógico do Colégio dos Salesianos Oficinas de São José - Associação Educativa, autoriza a realização de uma investigação no âmbito do Projecto SolSal, pela estagiária do núcleo de psicologia, Sílvia Rodrigues. A investigação está integrada na tese de mestrado em Psicologia Clínica, no núcleo de Sistemática na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob a supervisão e orientação do Professor Doutor Luís Miguel Neto.

O estudo pretende compreender os contributos da participação em actividades de voluntariado do Projecto SolSal para o desenvolvimento das Forças de Carácter dos jovens estudantes. Com vista a este propósito será aplicado numa primeira fase do estudo o Inventário VIA (Values in Action) online, seguido numa segunda fase pela condução de uma entrevista semi-estruturada.

Todos os dados recolhidos serão tidos como confidenciais e serão tratados anonimamente. Os participantes e entidades envolvidas poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação quando estes forem publicados, podendo assim aceder a dados importantes para a intervenção diária nos jovens.

Anexo V

Informa-se o Encarregado de Educação do(a) Aluno(a)

que de momento está a ser levado a cabo um estudo, inserido no âmbito do Projecto SolSal do presente ano lectivo, levado a cabo por uma estagiária do núcleo de psicologia inserida no projecto. A investigação será ingressada numa Tese de Dissertação de Mestrado Integrado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, no âmbito da Psicologia Clínica Sistémica.

A investigação pretende estudar o desenvolvimento de carácter e forças dos jovens ao longo das suas actividades no voluntariado.

É pedido a sua colaboração, através da autorização da condução de estudo qualitativo (que terá como metodologia uma entrevista ou focus group), de modo a que a recolha de dados possa ser a mais objectiva possível.

Garantias dadas: todos os dados recolhidos serão tidos como confidenciais e serão tratados anonimamente. Os participantes e entidades envolvidas poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação quando estes forem publicados, podendo assim aceder a dados importantes para a intervenção diária nos jovens.

O Jovem, enquanto participante nesta investigação, deve compreender ainda que: o seu envolvimento é inteiramente voluntário, pelo que, a qualquer momento, se pode recusar colaborar neste trabalho, sem que essa recusa constitua dano pessoal, directo ou indirecto; ao colaborar nesta investigação, está a possibilitar o avanço do conhecimento; da sua participação nesta investigação não resultam quaisquer vantagens directas ou indirectas.

Em conformidade com o exposto e para os referidos efeitos, Eu _____(Nome)
aceito que o meu educando participe no estudo levado a cabo no âmbito do Projecto SolSal do presente ano lectivo.

_____ (Assinatura)

Eu, Sílvia Rodrigues, na qualidade de responsável por aplicar os questionários VIA e conduzir o Inquérito Appreciativo, comprometo-me a cumprir as garantias, ao Jovem Participante, subjacentes às condições atrás referidas.

Anexo VI

Tabela 1 . Análise descritiva das Forças de Carácter através do Programa Spss

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Age	10	16	18	17,11	,552
Appreciation of beauty and excellence	10	3	4	3,52	,316
Bravery and valor	10	3	4	3,45	,337
Capacity to love and be loved	10	2	4	3,00	,463
Caution, prudence, and discretion	10	2	3	3,01	,277
Citizenship, teamwork, and loyalty	10	3	4	3,53	,345
Creativity, ingenuity, and originality	10	2	4	2,93	,444
Curiosity and interest in the world	10	2	4	3,07	,337
Fairness, equity, and justice	10	3	3	3,02	,202
Forgiveness and mercy	10	3	4	3,02	,259
Gratitude	10	3	4	3,62	,377
Honesty, authenticity, and genuineness	10	3	4	3,29	,368
Hope, optimism, and future-mindedness	10	3	4	3,48	,566
Humor and playfulness	10	3	4	3,50	,256
Industry, diligence, and perseverance	10	3	3	3,12	,261
Judgment, critical thinking, and open-mindedness	10	3	4	3,46	,274
Kindness and generosity	10	3	4	3,40	,238
Leadership	10	3	4	3,07	,393
Love of learning	10	3	5	3,20	,510
Modesty and humility	10	2	4	3,36	,531
Perspective (wisdom)	10	3	4	3,25	,377
Self-control and self-regulation	10	2	4	2,76	,549
Social intelligence	10	2	4	3,31	,499
Spirituality, sense of purpose, and faith	10	2	4	2,97	,548
Zest, enthusiasm, and energy	10	3	4	3,44	,378

Tabela 2 . Análise descritiva das Virtudes através do Programa Spss

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Sabedoria	10	2	4	3,18	,272
Coragem	10	3	4	3,33	,240
Humanidade	10	3	4	3,24	,318
Justiça	10	3	4	3,21	,204
Temperança	10	3	3		,206
				3,03	
Transcendência	10	3	4	3,42	,308
Valid N (listwise)	10				

Anexo VII

Áreas temáticas	Unidades de Contexto	Unidades de Registo
Conceito de	Definição	“(...) pontos fortes da pessoa que são mais aproveitados em actividades que exijam

Forças de Carácter		<p>defender determinadas ideias ou valores e são as forças que transparecem quando executamos alguma tarefa.” (A)</p> <p>“(…) o que nos leva a fazer determinadas coisas, a ser proactivos e envolvermo-nos em experiências e é o que nos caracteriza ao realizarmos essa acção.” (B)</p> <p>“(…) há valores que definem as pessoas, portanto isso é o carácter, são os valores que definem as pessoas e ter força de carácter é não ser influenciado pelas outras pessoas, pelos meios e tudo, mantendo as nossas convicções, aquilo que achamos correcto, é ser fiel aos nossos valores” (C)</p> <p>“(…) a maneira como encaramos as situações, e é nelas que as nossas forças de carácter se vão manifestar, são as forças que vão resolver as dificuldades que vamos enfrentar. Pode não ser só dificuldades, mas creio que elas se manifestam mais quando existem dificuldades.” (D)</p>
Desenvolvimento de Forças de Carácter	Processo	<p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>: “(…) quando as pessoas necessitam defender os seus próprios valores, têm que demonstrar integridade, se elas seguirem os seus valores sem se importar com o que os outros pensam está a ser íntegra, e quanto mais se confrontar com situações dessas mais íntegra se torna ” (A)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Apreciação de Beleza</i>: “(…) reparar em pormenores e detalhes e apreciá-los, reparar na ligação das pessoas e pequenos gestos das pessoas, faz-nos sentir mais apreciativos” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Humor</i>: “(…) uma pessoa bem-disposta, consegue tirar partido das situações e conseguir fazer sorrir os outros. Uma pessoa que é confrontada com situações difíceis e aprende</p>

		<p>a rir-se delas desenvolve melhor o seu sentido de humor, ou seja transforma as coisas sérias em algo divertido” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Gratidão</i>: “(…) é reconhecendo aquilo que têm e que lhes dão - talvez vendo as pessoas que têm azar e que não tem o que comer, lidar com realidades mais difíceis do que as suas” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Esperança</i>: “(…) ter um objectivo para que lutar e quando vemos pessoas a concretizarem sonhos, pensamos que também podemos ser capazes, porque não” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>: “(…) não creio que exista um tempo específico, acho que a pessoa vai aprendendo a ficar cada vez mais integra, pois enquanto criança a pessoa ainda não está confiante dos seus próprios valores ou não sabe quais eles são, contudo à medida que vai crescendo e se deparando com situações em que tem que se pôr de lado dos seus valores, independentemente do que os outros pensam, a pessoa torna-se mais integra e aprende a respeitar-se mais” (D)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Criatividade</i>: “(…) talvez olhando de uma forma diferente, olhar para uma situação e criar outra, tentar arranjar maneiras diferentes para fazer as coisas” (D)</p>
	Factores promotores	<p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>: “(…) acho que têm que aprender a ser Íntegros com alguém que o seja, acho que é necessário ter uma boa figura de referência, e as experiências de vida que dão uma certa perspectiva à pessoa para fazer o que está certo” (A)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Apreciação de Beleza</i>: “(…) ao observar nas monitoras que</p>

		<p>cantavam para as crianças da instituição, senti uma genuína apreciação por elas, pois elas davam-me inspiração devido à capacidade de transmitir alegria, mesmo em situações adversas” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Humor</i>: “(…) a minha relação com os miúdos da instituição dava-me momentos divertidos em que era necessário, devido à realidade difícil deles, encontrar o lado positivo” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Gratidão</i>: “(…) por andar neste colégio, sinto grata pelos meus pais porque me deram oportunidades, estudar é uma coisa muito importante e estando num sítio que nos dê condições para estudar acho que é ótimo. Relativamente ao voluntariado na medida em que olho para as crianças e compreendo os seus problemas e me fazem perceber que tenho que estar grata pela vida que tenho e esperança mais no sentido de que eles tenham uma vida melhor, que quando crescerem consigam ultrapassar os problemas e sejam alguém” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Esperança</i>: “(…) muitas vezes na escola quando estou mais em baixo, por exemplo a matemática, não era boa a matemática, mas tinha que pensar “eu tenho que conseguir, eu vou conseguir”, e assim consegui superar obstáculos. No voluntariado quando vejo atrás dos problemas a alegria das crianças, sinto-me com esperança pelo seu futuro. ” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>: “(…) quando se tenta respeitar os outros, tentar ser o melhor amigo possível , ou filha e respeitar-se a si próprio” (D)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Criatividade</i>: “(…) momentos do voluntariado, em que era</p>
--	--	---

		necessário criar actividades com as crianças. Por vezes as actividades não corriam da forma como gostaríamos que corressem e essas situações forçava-nos a pensar em planos alternativos” (D)
	Factores Inibidores	<p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>: “(...) porque se calhar, às vezes, é preciso de ir contra aquilo que os outros pensam e isso pode gerar confusões, pois as pessoas podem levar a mal se não recusarmos alguma coisa alguma coisa ou se não quisermos ajudá-la. Acho que têm medo de assumir os valores que têm e aquilo que pensam” (A)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Apreciação de Beleza</i>:</p> <p>“(...) uma pessoa ser distraída, e ter outras coisas na mente para impedir de apreciar o momento presente” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Humor</i>:</p> <p>“(...) uma pessoa pode estar um pouco deprimida e mal consigo própria” (B)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Gratidão</i>:</p> <p>“(...) se ninguém fizer nada por nós ou quando as pessoas têm em excesso e não sabe apreciar e não dá valor” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Esperança</i>:</p> <p>“(...) é ter grandes obstáculos e não ter capacidade de os superar” (C)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Integridade</i>:</p> <p>“(...) não ter respeito por ela própria, importar muito pelo que os outros pensam e ser muito influenciada” (D)</p> <p>Sobre a Força de Carácter <i>Criatividade</i>:</p> <p>“(...) não creio que é algo que seja difícil de ser, a não ser se for uma pessoa mais desatenta e com falta de ideias” (D)</p>

	Influências	<p>“Figura Modelo – Fernando Nobre (médico)” (A)</p> <p>“ Figura Modelo – Marta Figueira (coordenadora da Bolsa de Voluntariado SolSal) e amiga” (B)</p> <p>“ Amiga e Colega de Voluntariado” (C)</p> <p>“ Pai e colega de voluntariado” (D)</p>
	O Papel da Religião	<p>“(…) acho que a religião é importante no início das nossas vidas, quando éramos mais pequenos para uma orientação, a partir daí somos mais íntegros, mas a religião ajuda” (A)</p> <p>“(…) acho que não é a religião que permite as pessoas desenvolverem forças de carácter, creio que uma pessoa que apenas tenta desenvolver Forças de Carácter para a sua salvação é uma pessoa egoísta” (B)</p> <p>“(…) acho que a religião não influencia no desenvolvimento das forças de carácter, mas são as experiências de vida que vamos tendo, independentemente da religião” (C)</p> <p>“(…) acho que esse papel não é visível, mas tenho a certeza que teve algum impacto, mas qual foi e que de maneira foi não sei explicar. Tanto pelos próprios valores da igreja católica, tínhamos o bom dia, as festas, e acho que de certa força acaba por nos influenciar, incutir essas Forças de Carácter, assim como também o próprio espírito da escola” (D)</p>
Relação da Força de Carácter e Voluntariado	Forças de Carácter associadas a Voluntários	<p>“Persistência; Entusiasmo, Vitalidade; Amor” (A)</p> <p>“Persistência; Bondade; Amor; Humor” (B)</p> <p>“Criatividade; Bondade; Amor” (C)</p> <p>“Entusiasmo, liderança, prudência, criatividade” (D)</p>

	<p>Motivação para a participação no voluntariado</p>	<p>“Foi através do Professor Manuel (coordenador do Projecto) que tive acesso ao Projecto SolSal. Eu conhecia as iniciativas do professor e respeito-o bastante portanto decidi-me inscrever, a minha principal motivação foi o de querer ajudar as pessoas e também conhecer novas realidades e pessoas.” (A)</p> <p>“Porque gosto de ajudar os outros, e sinto-me gratificada já que não é necessário dar muito para crescer como pessoa.” (B)</p> <p>“Para poder fornecer algo às pessoas e também porque gosto que as pessoas se sintam bem.” (C)</p> <p>“(…) se não tivesse sido através do Projecto SolSal provavelmente não teria participado no voluntariado, já que estas actividades não são lá muito bem divulgadas, senti-me motivada porque gosto de ajudar, assim como também promover o meu desenvolvimento pessoal e social.” (D)</p>
	<p>Agente promotor/neutro</p>	<p>“Após a minha actividade de voluntariado considero que saio mais fortalecido, porque sinto-me melhor comigo mesmo e com os meus valores, tive a oportunidade de os aplicar e o facto de me ter permanecido fiel aos mesmos ajudou-me a ter algum sentido de confiança nos mesmos” (A)</p> <p>“No princípio talvez tenha sido a força de carácter que me levou a inscrever-me no voluntariado, mas o voluntariado fortaleceu Senti diferença, fui para instituição, deparei-me com uma situação nova, acho que me ajudou para que o Humor tornar-se mais evidente, brincando com os miúdos” (B)</p> <p>“Sim, creio que por si só estas forças já estão muito relacionadas com o voluntariado,</p>

		<p>contudo através do voluntariado foi possível aperceber de realidades mais duras que a minha e nesse sentido senti mais grata por aquilo que tenho e que me é oferecido. Através do voluntariado também senti esperança, na medida em que ao ver as crianças nas situações difíceis em que estão, desenvolvi uma esperança de que estas no futuro tenham uma vida melhor. Pois é necessário ter esperança para trabalhar em situações tão difíceis e mesmo assim tentar transmitir alegria.</p> <p>” (C)</p> <p>“Acho que a integridade é algo que fui desenvolvendo ao longo dos anos e que considero que faz parte de mim portanto não foi tão visível o impacto do voluntariado, a criatividade por outro lado acho que desenvolvi bastante no voluntariado e fortaleci, uma vez que existiram vários momentos que exigiram essa necessidade de ser criativa. Também acho que desenvolvi mais outras Forças de Carácter, como a paciência, com as crianças a saltar de um lado para o outro, tínhamos que acalmá-los e tivemos que desenvolver a persistência, para aguentar aquela hora com os miúdos, porque não tinham respeito por nós” (D)</p>
Forças de Carácter e o Bem-estar subjectivo	Sentido/Propósito da vida	<p>“Porque me faz me sentir completo, faz-me sentir bem comigo mesmo, ainda bem que tenho esses valores, porque acho que são importantes para uma pessoa ter algum sentido na vida” (A)</p> <p>“Humor acho que é sempre bom para ver a situação pelo lado positivo e para ser possível ajudar os outros; A apreciação pela beleza se calhar permite-me compreender melhor as pessoas, as intenções das pessoas e perceber se essas pessoas gostam de mim ou não.</p> <p>” (B)</p> <p>“(.) por que eu aprecio e estou grata pelas</p>

		<p>oportunidades, forço a fazer um maior esforço nos meus estudos que me permitem ter um maior sucesso na vida.” (C)</p> <p>“a criatividade permitiu experienciar as coisas de maneira diferente e tentar fazer as coisas de maneira diferente, ser original. E a integridade foi importante pois fez com que respeita-se os outros, mas antes disso tenho que respeitar-me a mim própria, não deixar que os outros afectem a minha personalidade.” (D)</p>
	Relações positivas	<p>“ quando existe integridade, cria-se uma confiança entre as pessoas” (A)</p> <p>“ creio que rir é essencial em qualquer relação, ajuda a aproximar as pessoas, as pessoas sentem-se mais descontraídas” (B)</p> <p>“Creio que ajudou a tornar a relação melhor, pelo menos com os meus pais – uma vez que eles sentem que eu lhes dou valor aquilo que me oferecem, assim como também com as crianças da instituição, ao transmitir esperança e alegria a facilitou a relação e tornou-a mais positiva, já que em vez de sentir pena delas, transmiti que tinha fé nelas e na sua capacidade para ultrapassar problemas. ” (C)</p> <p>“Na medida em que ao existir respeito é possível uma melhor relação com as pessoas” (D)</p>
	Emoções positivas	<p>“Satisfação, felicidade” (A)</p> <p>“através da apreciação da Beleza sinto satisfação, pois consigo dar atenção a certos detalhes que por vezes passam despercebidos e através do humor sinto felicidade, alegria, satisfação” (B)</p> <p>“Força de vontade para executar actividades” (C)</p> <p>“Satisfação, como se estivesse completa,</p>

		realizada – ter um sentido de propósito, sinto-me bem comigo própria.” (D)
--	--	--